

Estatuto Editorial do jornal 'A Estrela Oriental'

1. O jornal 'A Estrela Oriental', que recupera um antigo e honrado título que se publicou pela primeira vez em 1856 na Ribeira Grande, propõe-se seguir a conduta digna daquele jornal, de que se assume como herdeiro cultural;

2. 'A Estrela Oriental' procurará dar voz a uma cidade em desenvolvimento, participando activamente – pela informação, pela análise, pela divulgação, pela crítica e por outros modos de observar a realidade – na vida social, política, económica e cultural da Ribeira Grande, sem esquecer a sua história nem deixar de tentar intervir nas intenções ou acções que possam contribuir para um seu futuro melhor;

3. 'A Estrela Oriental' será sempre um jornal rigorosamente apartidário, que respeitará a democracia e a liberdade de expressão, tanto de ordem política como cultural ou religiosa, não dando acolhimento a opiniões que, objectivamente, possam afrontar a dignidade de pessoas ou grupos sociais;

4. 'A Estrela Oriental' subscreve inteiramente os princípios constitutivos da Declaração dos Direitos Humanos;

5. 'A Estrela Oriental' será de periodicidade mensal, escrito em português, com doze páginas e uma tiragem de 1000 (mil) exemplares, sendo a sua área geográfica de distribuição a das ilhas dos Açores e dos núcleos de emigrantes açorianos, sobretudo no Continente Americano.

Desde o século XVI

Ribeira Grande tem qualidade e personalidade



José Manuel Fernandes

Traços auto-biográficos

Sou licenciado em Arquitectura pelo Departamento de Arquitectura da Escola de Belas Artes de Lisboa, em 1977, depois comecei a estudar, enfim, Cultura, História, Arquitectura, Urbanismo, e fiz, em 1993, um doutoramento sobre as Cidades e as Ilhas da Macaronésia, que incluem os Açores. Em 1998, meti-me a fazer um curso de Arquitectura, que é o Curso Oficial da Universidade Autónoma de Lisboa, de que fui Director até ao ano passado, e agora, a convite do nosso Ministro da Cultura, sou o actual Director do Instituto Nacional de Arte Moderna. Suspendi as aulas na Faculdade de Arquitectura para ser Director, equiparado a Director Geral, desse Instituto. Estou lá há dois meses.

Para além de ser colaborador assíduo da Revista do Semanário 'Expresso', que se publica na Cidade de Lisboa, onde tem dado destaque à Ribeira Grande, conhece a Ribeira Grande, praticamente, desde o primeiro ano da sua elevação a Cidade.

Participou nas Jornadas sobre o Barroco, em finais da década de oitenta, na Cidade da Ribeira Grande, e está presentemente a participar no levantamento do

Património Imóvel dos Açores, iniciativa da Direcção Regional de Cultura. É, pois, a pessoa certa para nos ajudar a reflectir os 20 anos de Cidade, ou seja, a Ribeira Grande, este ano, a 29 de Junho, comemora 20 anos e o nosso jornal pretende reflectir o seu espaço do ponto de vista urbanístico, sabendo-se que, com a emergência da Globalização, que a Informática proporcionou, os conceitos de Rural e Urbano alteraram-se.

Onde houver um jornal português, haverá dois

Por Onésimo T. Almeida

Caro Mário Moura: Pedes-me um artigo para o primeiro número de uma nova aventura jornalística para manter a nossa Ribeira Grande acordada e a mover-se. Não posso esquivar-me, por mais falta de tempo que queira alegar. Mas não consigo sair do dilema que me espartilha entre saudar-te pelo empreendimento e perguntar-te se numa ilha onde há já tanto jornal e tão poucos leitores ainda haverá lugar para mais um. Não é preocupação nova esta minha. Já vem de há mais de vinte anos (precisamente em 1979) quando o João Brum me fez pedido idêntico para o primeiro número de *The Portuguese Tribune*, que ele decidira fundar em San José, na Califórnia. Peço-te que não me leves pois a mal a reciclagem desse artigo porque, *mutatis mutandis*, ainda reflecte o que hoje penso, embora não saiba se é isso bom ou mau sinal. Rezava assim:

DIALOGOS **PÁGS. 6-7**

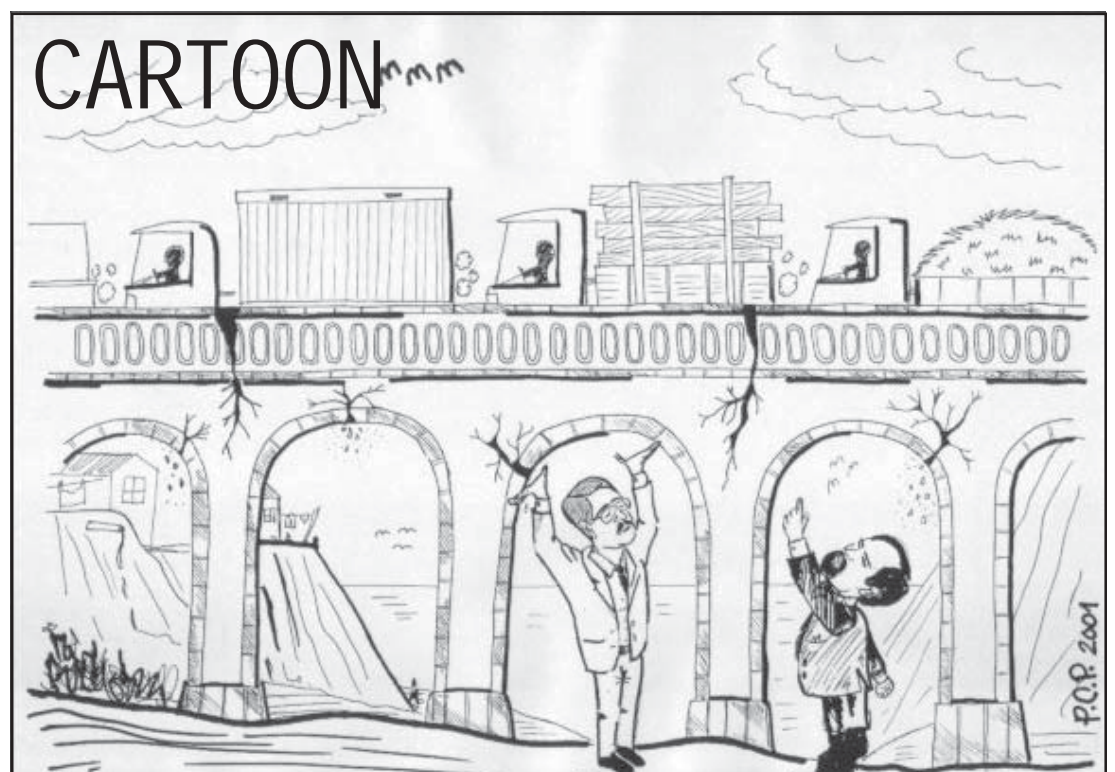
PÁG. 2

Um jornal, o seu passado e o seu futuro

Por António Valdemar

O jornalismo tem início na ilha de São Miguel e em Ponta Delgada em 1835. Apareceram neste ano três jornais: o *Açoriano Oriental*, a 18 de Abril (mantendo até hoje a publicação), *O Constitucional Michaelense* (de 24/9/1835 a 17/12/1835) e *O Patriota* (de 30/12/1835 a 27/4/1836). Será, todavia, no começo da segunda metade do século XIX que a Ribeira Grande entra na história do jornalismo.

PÁG. 3



Sem legenda

TOYOTA

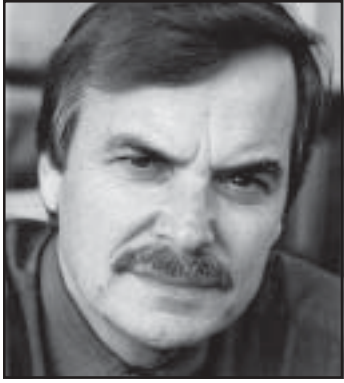


RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história



(Continuação da página 1)

Eu cá confesso sinceramente que ando há dias a tentar rabiscar umas mal notadas linhas para o novo *Portuguese Tribune* e não há maneira ⁽¹⁾. Acabo por garatujar duas ou três mesmo bem mal notadas e atiro o papel ao lixo. A explicação precisa dar um salto atrás: eu cá acho na minha que um dos carimbos marcadores da cultura portuguesa é o fazer face a problemas da comunidade ou do país escrevendo um artigo para o jornal. A alma portuguesa fica consolada, lavadinha, aliviada e pura quando manda em

colunas aquela bordoad a isto e àquele. Por outro lado, quando essa vontade de solucionar um problema com um artigo se multiplica por três ou quatro e faz-se grupo, sai um jornal. Ou um manifesto. Que vai ser germen de um partido. Se não for em época de ditadura, está visto! É assim que Lisboa anda cheia de jornais matutinos, vespertinos e cretinos, diários, semanários e asnuários, esquerdistas, direitistas e curtos de vistas. E isso porque onde houver um português há-de haver uma opinião (ou um dogma), mais o seu respectivo grupo (ou partido) e o seu jornal (ou pasquim). *Para que a lua estoire, e o sono estale/ e a gente arrote finalmente em Portugal* – com as devidas licenças de Manuel de Alegre (o poeta despido de ministro!) para a paródia desrespeitosa. Não sei quantos diários tem Lisboa. Só sei que tem mais dois: *A Nação* e o *Correio da Manhã*. E vai sair o semanário *10 de Junho*. E depois virá o

11 de Junho. E o *12*. Por aí fora até ao fim do calendário. A data, em vez de vir por baixo do título, vem em título. Um *jornal novo* todos os dias. Para aumentar a cultura do país, neste tempo de crise. *O Diário* e os *diários populares* e *impopulares*, os *diários de notícias* e os sem notícias que se lêem na *capital*, sem capital (nada a ver com Marx!), sentados à mesa do café a ingerir *expresso* e a engolir o *jornal* para que a cultura portuguesa vá *avante*. Ponta Delgada tem três diários. De meia página cada um, para meia dúzia de habitantes. Cá nesta L(USA)lândia, onde à força de repetirmos aos políticos que somos um milhão, acabamos por acreditar que somos mesmo, mantemos essa tradição de fundar jornais. Mas como o que conta para as estatísticas não conta para o sério, e é preciso descontar ainda quem já é só Perry e Rapoza, mas só falou português nos seus meninos anos, com a avó; tirar ainda por riba os milhares que nunca aprenderam a ler nas escolas do Plano dos Centenários do Estado Novo, e os que lá foram uns anos e se lembram só de o-ti-o-Ben-to-tem-uma-o-la-ri-a... ficamos quase com um jornal para cada português, o que é a percentagem ideal da cultura e do direito à expressão do pensamento. Cá na minha, eu penso que os jornais deviam refundir-se. Fracalhões em equipa, sempre se amparavam mais uns aos outros. Mas é esta triste inquisição que está na alma de cada português que se preza e que convence cada um que a verdade é só uma: a dele. E vai daí «eu é que sei o que o povo quer», «só se bota no jornal o que eu entender» e lá vem o «quem não concordar é comunista», se um Salazar estiver no poder; fascista, se

for a vez de um Vasco Gonçalves; anticatólico, se for um senhor Cardeal Cerejeira; e católico, se for um Afonso Costa. E lá sai então mais outro jornaleco para poder dizer aos amigos (que são aliás quem vai lê-lo) aquilo que só pode ser dito no *jornal da verdade*. E agora é a vez do *Portuguese Tribune*. Que até promete ser diferente e aqui se fazem votos de que o seja, que até o eu cá vir é sinal de ainda ter esperança. E, vai lá, talvez nem seja bem o caso, porque às tantas até a gente já nem acredita, mas faz por hábito, ou porque fica feio recusar colaboração. Mas aqui ficam os votos. Sinceríssimos. De que o *Portuguese Tribune* seja o menos português possível, para bem dos portugueses e da cultura portuguesa.

P.S. Fui várias vezes tentado a atirar isto ao lixo. É demasiado pessimismo para uma edição festiva do jornal. Mas não seria sincero se não escrevesse isto que penso, o *Portuguese Tribune* não seria diferente se não publicasse estas linhas, e nem eu seria português se não viesse também resolver o meu problema mandando um desabafo para o jornal. E, por isso tudo junto, aqui vai ele.

(1-7-1979)

Post Scriptum#2 – No fim de contas, o jornal que acabou por definir e morrer foi o outro, o *Jornal Português*, que era bem velhinho. A história, porém, não acabou por aí. Vicissitudes diversas levaram, alguns anos depois, o João Brum a abandonar o barco em protesto e a fundar outro: o *Portuguese-American Herald*, se não estou em erro. De pouca dura, todavia. Na Califórnia ainda hoje sobrevive o *Tribune*, do

João, embora continue sem ele, e muito periclitante. Não foi por mau agouro levado no meu artigo, porque já o reciclei há poucos anos com fim mais feliz. Foi a vez de o Norberto Aguiar, de Montreal, me fazer esse tal pedido para o número inaugural do *Lusopresse*. Conte a história do *Tribune*, mas procurei ser mais optimista. Dois anos depois, o Norberto convidou-me para a festa de aniversário. Dela dei conta numa crónica e do que então dissera a penitenciar-me. Terminava nestes termos: “que o *Lusopresse*, já com dois anos e sem fraldas, celebre muitos. E onde houver um jornal português, pois que haja!” E o jornal do Norberto mantém-se em muito boa forma. Faço os mesmos votos, meu estimado Mário. E se na Ribeira Grande não há nenhum, pois que passe a haver. A ver.

Como diz o nosso Daniel de Sá, a vila foi já promovida a cidade, falta agora promover a Ribeira a Rio.

Um abraço com votos de boa sorte para ti e para o jornal. Providence, Rhode Island (por onde em tempos andaste).

¹ Artigo escrito a pedido de João Brum, para o primeiro número do *Portuguese Tribune*. Na altura, havia já na área da baía de S. Francisco o *Jornal Português*. Hoje, só em S. José, existem já dois jornais.

Onésimo T. Almeida 



 **A Estrela Oriental**

Cupão de Assinatura

Fotocopie e envie para *A Estrela Oriental*, Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Desejo ser assinante do jornal *A Estrela Oriental*, recebendo o jornal na morada indicada Junto envio cheque no valor de 1000\$00 (5) do Banco _____

Nome	<input type="text"/>																				
Morada	<input type="text"/>																				
Localidade	<input type="text"/>															Código Postal	<input type="text"/>				
País	<input type="text"/>					Telefone	<input type="text"/>					N.º Contribuinte	<input type="text"/>								

Ficha Técnica:



Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura
Director-adjunto: Melo Teodoro

Propriedade:



Cooperativa
Mãe d'Água, C.R.L.

Publicidade e Paginação: Luís Faria
Contacto: 919020517

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Tiragem 1000 exemplares



Porte Pago
Região Autónoma dos Açores



(Continuação da página 1)

Um recenseamento sumário - com omissões possíveis e lapsos involuntários - e de acordo com Ernesto do Canto (na *Bibliotheca Açoreana*), Luísa César (no *Catálogo dos Jornais Açorianos*, 1995) e, ainda, com base em fichas pessoais acumuladas ao longo dos anos permite-nos enumerar por ordem cronológica os seguintes jornais no século XIX: *A Estrela Oriental* (1856), *A União* (1857), *O Campeador* (1864/1866), *A Opinião Pública* (1866/1867), *O Forum* (1867/1869), *A Missão* (1867), *O Direito Popular* (1868), *O Pirlampo* (1868), *A Ribeira Grande*, I série (1881), II série (1894), *O Noticiarista* (1882/1891) e *O Norte* (1895/1903). No século XX assinalam-se *O Girassol* (1902), *O Trabalho* (1903/1907), *O Globo* (1905/1907), *O Liberal* (1907/1908), *Gazeta Judicial* (1908), *A*

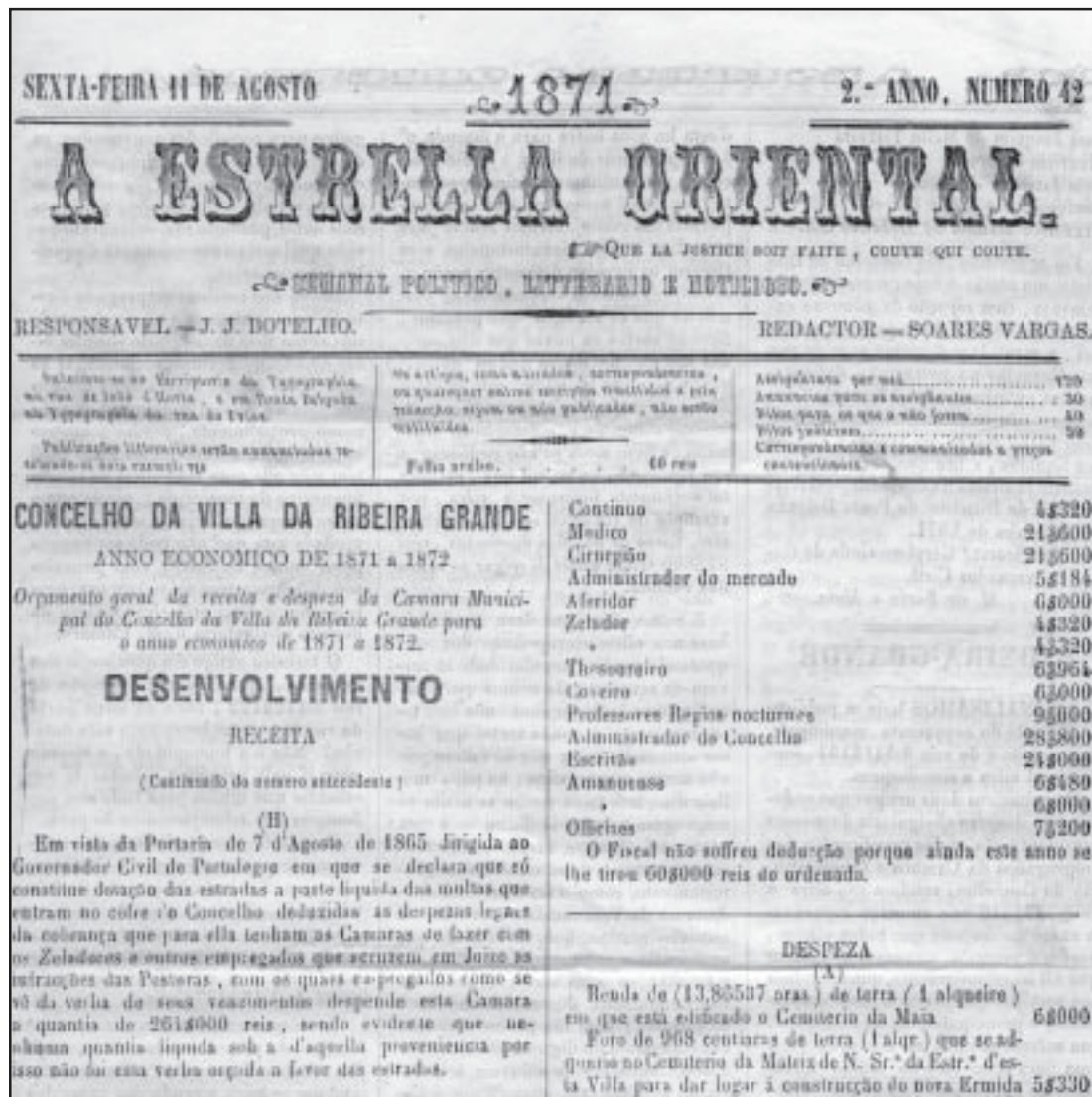
Semana (1909/1912), *O Correio do Norte* (1912/1915), *Ecoss do Norte*, I série (1916/1921), *O Tempo* (1917), *A Razão* (1931/1934), *Passarola* (1943/1943), *Ribeirinha* (1952-1952) e *Ecoss do Norte*, II série (1987).

Foi o ‘A Estrela Oriental’ não só o primeiro jornal da Ribeira Grande, como também o primeiro jornal com tipografia própria.

Embora com algumas descontinuidades, as principais decisões camarárias, actividades judiciais e paroquiais da vila e seu concelho encontram-se registadas nos seus 63 anos de publicação.

No decurso da sua existência, verificam-se duas fases distintas: a primeira estende-se de Maio de 1856 a Março de 1866.

Reclamava-se de «folha literária, comercial, agrícola e noticiosa» e foi dirigida por Francisco Maria Supico, tendo como redactores João Albino Peixoto e Teófilo Ferreira (Manuel Constantino Teófilo Augusto Ferreira).



Reprodução de um exemplar do jornal ‘A Estrela Oriental’

Na segunda fase, de Setembro de 1869 até 1919, intitulava-se semanário «político e noticioso», sob a direcção de Gualberto Soares Vargas. Um dos colaboradores mais assíduos foi o padre Egas Moniz, assinando ora com o seu nome, ora com iniciais, ora ainda com vários pseudónimos. Pertenceu o jornal, desde o início, à família Botelho - João Jacinto Botelho, José Joaquim Botelho e pelo falecimento deste, em 1892, a sua sobrinha e enteada Maria Júlia Botelho.

A história do ‘A Estrela Oriental’ não é fácil. Já Ernesto do Canto salientou que teve «uma publicação muito irregular e uma quantidade extraordinária de suplementos».

Por outro lado, advertiu também Ernesto do Canto, «a numeração

anual dificulta ainda mais o conhecimento exacto desta publicação».

Levanta-se um problema em redor da história da imprensa na Ribeira Grande: mencionar os jornais que se imprimiram em Ponta Delgada e os que se faziam em tipografia da Ribeira Grande. Da investigação já concluída falaremos noutra oportunidade. O período áureo decorre entre o final do século XIX e o princípio do século XX. Uma coisa, porém, foi incontestável: desde os jornais mais representativos, por vezes exemplarmente redigidos e com a participação de colaboradores notáveis, até às folhas mais modestas, e para além das guerrilhas político-partidárias, esses jornais defenderam a causa da autonomia e chamaram a atenção para a resolução de problemas locais e regionais. Sem esquecer os imperativos e solicitações do mundo do nosso tempo, a lição do passado deverá ser ponderada no presente e no futuro, chamando a atenção para as vicissitudes políticas e culturais que reflectem e condicionam a forma de ser, de estar e de viver das populações.

António Valdemar

Num só espaço
Tudo para a sua casa
 Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
 mosaicos - materiais de construção

Stand Correia
 Rua Direita de Cima, 45
 Ribeira Seca
 Telef.: 296 470004



Pizzaria "A PAPA ROCA"

Ribeira Grande

AGORA! - CASA DAS SANDES

Sandes Quentes

Rosbife
Lombo
Bifana
Bife de Perú
Salicha

Sandes Frias

Pasta de Atum
Pasta de Delícias do Mar
Pasta de Camarão
Pasta de Galinha
Pasta de Fiambre
Pasta de Queijo
Mista - Fiambre e Queijo
Queijo Fresco

A ÚNICA NOS AÇORES

Mais de 70 variedades de pizzas

"As Nossas são as MELHORES"

Ao adquirir a sua PIZZA de Valor igual ou superior a 2.000\$00, terá de OFERTA uma garrafa de 1 Litro de Refrigerante

OUTRAS ESPECIALIDADES: Lasanha, Bitoque, Peitinhos de Galinha, Filetes de Pescada, Espetada Mista, Lula Grelhadas, Hamburger, Cheeseburger, Cachorro, Mister Burger, etc.

5 Lojas ao seu dispor

Ribeira Grande



296 472 443

Centro Com. Solmar



296 629 482

Casa das Sandes



296 281 000

Hiper Solmar



296 653 863

Hiper Modelo



296 284 529

Entregas ao Domicílio (Ponta Delgada) - 296 285 777

NÓS CONTRIBUIMOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E TURÍSTICO DOS AÇORES

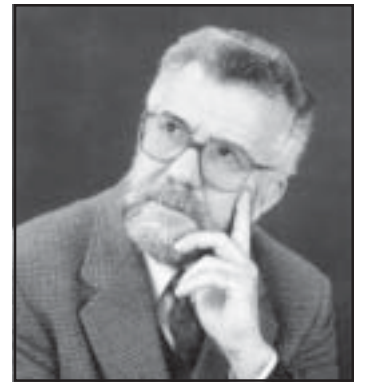
Páginas da América (Março de 1993)

Tanto mar de permeio. Eis-me de novo nesta terra da América. Roidinho de saudades. E cozo uma gripe, enquanto vou contemplando a neve cobrindo tudo de branco. A América tem entre outras esta vantagem: chego e é como se entrasse em casa após uns meses de ausência. As coisas são já minhas conhecidas, trato-as há muito por tu, encontram-se nos seus devidos lugares. Abro o guarda-roupa e deparo com as duas camisas que cá deixei de propósito. Dá-me uma sensação de aconchego e ao mesmo tempo de andar repartido por diversas partidas, tudo tão de acordo com a minha maneira de ser... Pouco tenho saído de casa. Às vezes com meu irmão Francisco, de automóvel, às voltas e voltinhas, como quem anda agarrando o tempo e as coisas nele sitiadas. Aconteceu no Sábado e no Domingo, mais no Sábado, que o Domingo foi preenchido a ver uma casa que está à venda e havia o que aqui se chama "open house" da uma às três da tarde. Meu irmão ainda não perdeu o jeito ou o vício de ver casas que estão à venda. Desta vez fomos todos menos minha Mãe. Ainda se não decidiu, talvez nunca venha a decidir-se. Neste balancé é que reside o gozo e o ganho. Perco-me também por este andarilhar. Meu irmão diz

que já viveu em muitas casas em imaginação e adiantamento? Regressa sempre àquela onde vive, pequenina demais para a família e precisava de ser um pouco mais alentada. Já retomou o trabalho escolar. Só o vejo ao fim da tarde, às vezes à noite, fico em casa pondo a conversa em dia. Minha Mãe. Tão agradável este meu regresso imaginário à infância. Faz tão bem à saúde. Disse-me ela há pouco que a noite passada tinha ido vigiar-me o sono. Fora-me deitar mais cedo atacado de gripe, nem sequer fomos seroar a casa de meu irmão Francisco. E acrescentou que o meu dormir era sereno e que antes de se deitar me chamara baixinho e eu não lhe respondera... Senti-me pequenino e gostei. Não me larga, porém, o pressentimento de que estou quase a perder tudo isto. Já com meu tio, irmão dela, sinto o mesmo. Fez há pouco setenta e sete, a idade das duas machadinhas apontadas ao toutho da pessoa que as tem... Fico então cogitando e sentindo que estou vendo as coisas e as pessoas pela última vez. Despeço-me... O melhor será ir extraíndo o prazer que a vida vai por enquanto consentindo. Já fiz tímidas tentativas para dar os primeiros passeios a pé. O frio tem sido tão intenso,

principalmente a certas horas do dia, que não tenho sentido cobiça de sair. Para cúmulo, a gripe que anda por aí a fazer a sua colheita e me assaltou logo após a minha chegada, tem-me compelido a permanecer emparedado. E isso corrói-me os alicerces da alegria. Minha Mãe... E eu sem poder opor um travão a esta desenfreada corrida não sei para onde. Sei. Mas tenho direito a continuar criando alguma ilusão de futuro... Se me entrego à leitura. E cada vez se me torna mais custoso entregar-me ao que que seja. Se deixo cair os olhos feridos numa qualquer página impressa, logo Ela me sai, endiabrada, de cada letra lenta. Exige-me que a percorra, a decore em todos os itinerários conhecidos e desconhecidos. Dantes, vinha ao meu encontro, saía de cada esquina de palavra, escrita ou pensada, lida ou falada... E eu colhia-lhe o sorriso, saboreava-o, num beijo encarnado e cheio de polpa. Arrecadava-o para me servir de pão e de conduto da viagem nas longas e tempestuosas travessias. A viagem está agora n' Ela resumida. Fora de Ela não há sonho nem peregrinação. Transformei-me em barco que arroteia o seu corpo... Aqui, as horas são mais espaçadas.

Nota-se na atmosfera um silêncio expectante. Se está prestes a nevar, fica a Natureza toda encolhida. Tudo se aquieta à espera... Como na escrita. Principia por se abrir um instante levedado de silêncio. Condensa-se, depois, em flácidos flocos de palavras. E mui devagar cobrem e fecundam a mortalha da página... A RTP Internacional acaba de noticiar que Natália Correia morreu esta manhã de complicações cardíacas sobrevindas, se bem entendi, de um efizema pulmonar. Não posso chorar. Nem devo. Soariam as lágrimas a um cântico em meu louvor escoando-se-me dos olhos grudados ao *ecrã* fumegando de muito espanto ainda. E Natália não merece que se lhe principie já a rasgar as primícias da eternidade. Miguel Torga, mal leu a notícia da morte de Fernando Pessoa, esgueirou-se pelos campos fora e foi chorá-la em convívio com os pinheiros. Pelo contrário, tenho diante dos olhos uma imensa paisagem de neve caída sem alma e com muita altura. Inimiga da exaltada contextura magmática que fervilha nas veias da Ilha que me pariu e deixou um coágulo que um dia se transformará em trombo como



coube em sorte a Natália... Apeteceu-me zarpar. E fi-lo em segredo. Internei-me ou entornei-me ao longo de atalhos de bagacina cor de sangue. Levei-a comigo. Coloquei-a à ilharga. Gosto de lhe sentir braço, se no meu encosta o lado do coração. Serve-me de cicerone. Não me canso de ouvi-la soletrar os nomes das flores que lhe perfumam a memória. Que importa, pois, como escreveu Natália, que o limão aceso na meia-noite ilhada, o relógio da torre da matriz, ponha o ponteiro na hora atraíçoad da Ilha que me deram e eu não quis? Ela foi comigo e é quanto me basta. Só regressámos de madrugada. A escrita é esta aventura sem tempo. A Natália vai continuar-se no ventre da poesia parida de suas entranhas de Poeta...

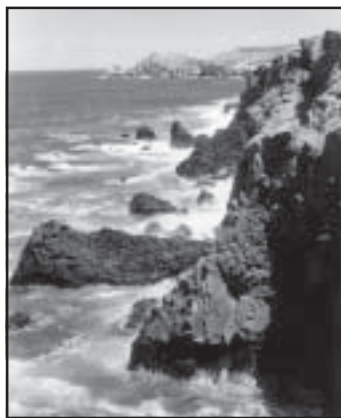
Cristovão de Aguiar

De algumas tardes por aí

Sempre que vem a S. Miguel (o que costuma acontecer duas vezes por ano) faz questão de passar uma tarde na Ribeira Grande. Diz ele que gosta do campo perto do mar e que a Ribeira Grande lhe proporciona esta fresca e fundamental duplicidade a qual, talvez na sua percuciente opinião, contribui para a resistência do espaço urbano a deixar-se contaminar por oficiais pretensões a outra coisa que não seja o ancestral compromisso entre dois primários elementos: a terra e a água. Costumo levá-lo por aí, entra rua sai rua, passando pela Chã das Gatas, Mãe d'Água, Gramas e caminhos vicinais com subtis barulhos de folhas mexendo, de folhas caindo ou brotando, não sei. O certo é que este amigo forasteiro todos os anos me ajuda a descobrir pequenas coisas e me

acompanha no julgamento de outras só aparentemente mais importantes. São conversas desapaixonadas entre duas criaturas que há muito perderam a ilusão de modificar o que quer que seja, solidárias nos princípios e coincidentes em algumas convicções, mantendo ambas a peregrina tendência de tomar como certo, ainda que momentaneamente, o que no fundo parece não ser. O disfrute de insignificâncias pode conduzir a fantasias libertárias, desde que haja disposição e lazer para isso. Mas não vou lembrar-me das muitas que destes passeios advêm, suscitadas por uma vaga luz que o arvoredo coa, pelo travejamento de uma casa arruinada, por um gato dormindo ao sol no cabeço de um muro. Por vezes nem saímos da zona habitada, onde as construções novas, de linhas rectas ou

curvas, denunciadoras de prosperidade e gosto duvidoso, ficam a dois passos de casas modestas, algumas das quais ainda mantêm a pedra lavrada dos aventais e pontas de



diamante. Os jardins fronteiros das primeiras, de gradeamento ostensivo e cuidada relva, são quase vizinhos dos quintais utilitários onde goivos e malmequeres alternam com salsa e hortelã, a ruela de

irregular empedrado sem idade não raro desemboca no alcatrão recente. E ainda há os cheiros para que este meu amigo, de apurado olfacto, me chama a atenção. Basta que se saia de uma via de trânsito mais intenso para logo se concluir que o mar estará próximo, sobretudo quando a maresia rescende até mais longe, e se, a passo ligeiro, subimos uma rua qualquer, dentro de cinco minutos encontramos-nos perto de quintas muradas ou de terreno inculto exalando o cheiro agridoce da erva que o orvalho animou. Um pouco mais à frente, nesta altura do ano, o perfume da flor do sabugueiro que, segundo se diz, cura todos os males de que a humanidade padece. - A maior parte das pessoas que vem ou passa pela Ribeira Grande - disse - não a conhece, porque dela só vê uma rua e

ainda assim mal. Estávamos sentados no que já teria sido uma pequena mata de que hoje só restam cepos cobertos de musgo. Há cepos mais altos e mais grossos do que outros no tapete verde e tão macio do chão. À nossa direita, as folhas miúdas das acácias negrejavam, travessas, na aragem daquele fim de tarde. E nisto um toutho começou as variações caprichosas do seu trinado, não longe de nós. - Foi aqui - disse ele - que Bóreas raptou a bela Orítia. - Tens dúvidas? - Claro que não. - E nunca digas a ninguém onde fica este lugar - rematou. - Prometido, meu caro Sócrates, e o toutho é testemunha.

Maria de Fátima Borges

TERCEIRAS

Brinquedos Papeleria
Livraria Tabacaria

R. Gonçalo Bezerra, 6 / 8 - 9600 Ribeira Grande
Telef./ Fax: 296 472 804

Diálogos - Arq. José Manuel Fernandes

Construir uma Cidade alegre

'Cidade de Memória, Cidade de Futuro'

MM: A proposta que lhe fazemos é a seguinte: suponha que tem carta branca para intervir no tecido urbano da Cidade da Ribeira Grande, como bem conhece. Como é que vê a ligação que esta deve entretecer com o mar, a ribeira, a montanha, o campo e as suas entradas?

Cidade de Memória: A personalidade urbanística

JMF: A Ribeira Grande é uma estrutura urbana desde o século XVI. A designação de Cidade, claro, que lhe dá outra classe administrativa, mas, de facto, como estrutura física, como espaço construído, tem carácter urbano e com grande qualidade e personalidade desde os séculos XVI e XVII. Depois das habituais catástrofes que acontecem, no século XVI, nos Açores, conseguiu afirmar-se e desenvolver-se. É uma Cidade peculiar desde essa época, porque é uma das poucas estruturas urbanas desenvolvidas na costa Norte de uma Ilha, quando habitualmente elas surgem nos quadrantes Sul. Isso confere-lhe uma personalidade especial, uma luz e um ambiente especiais na relação com o mar, com aquele mar fortíssimo do Norte, que não é a relação que Vila Franca, Ponta Delgada ou Angra têm. Mas, para além disso, a estrutura da Cidade seis e setecentista é semelhante à das outras, portanto, assenta num cordão estruturante paralelo à costa, um pouco afastado dela, cruzado com a ribeira e com outras linhas de água, o qual tem uma série de pólos urbanísticos ao longo dele, que são, de Nascente para Poente: o Largo de entrada (Rosário), depois a sucessão do Largo da igreja Matriz, do seu adro com o escadório, o Largo Municipal, com a igreja da Misericórdia e a Câmara Municipal, mais adiante, a igreja que faz a passagem para a outra freguesia, que é a da Conceição, ao fim dela, a de São Francisco, e, por aí, a saída para Poente (Cabo da Vila). Essa estrutura, digamos, esse cordão, essa coluna vertebral, é o tipo de estrutura dos povoados portugueses, em geral, e açoreanos, em particular, que se repete sempre que possível. Há variantes, nomeadamente, casos em que eles são perpendiculares à costa, mas na maior parte fazem um arco paralelo. Por conseguinte, essa personalidade urbanística forma um todo homogéneo, coeso e muito qualificado em termos arquitectónicos, porque a arquitectura desses edifícios e dos outros edifícios habitacionais de acompanhamento, é muito coesa, mais ou menos da mesma época, ou pelo menos, para estes últimos, com um tratamento tradicional arquitectónico: o basalto, o branco, as janelas, os vãos. Tudo isso lhe dá uma qualidade intrínseca muito boa.

HT: Como bem sabe, existem critérios que ajudam a definir o que é uma cidade e o que não é uma cidade, entre os quais, passo a apontar: um porto, um aeroporto, um centro financeiro, uma grande componente cultural. A Ribeira Grande, à luz destes critérios é escassa, despontando, neste momento, é certo, para uma actividade cultural diversificada. Será que isso impede que ela possa ser considerada uma verdadeira

Cidade?

JMF: Isso não impede de forma alguma a Ribeira Grande de ser Cidade, porque ela tem outras valências. É uma cidade de pequena dimensão, uma cidade média. Há muitas maneiras de se ser Cidade. Uma Cidade em ambiente da costa Norte, que civiliza essa costa, no sentido da construção de um sistema colectivo, que é uma Cidade, tal é, em si mesmo, à partida, um valor urbano, logo um valor de Cidade.

HT: Quer dizer que ela tem a sua personalidade, que importa não perder nem adular.

MM: Mas sim potenciar.

JMF: Exacto. E tirar partido disso.

Cidade de Futuro: A nova urbanidade e o turismo

MM: Em termos do crescimento



urbanístico da Cidade da Ribeira Grande, o desafio que se coloca, desde 1981, reside na interligação, pensada, coerente e funcional, das freguesias da Ribeirinha, Ribeira Seca e Santa Bárbara que, antes desse ano, eram subúrbios da Vila, nas freguesias da Matriz e Conceição, as que têm espírito mais urbano e são o seu núcleo inicial, ou seja, uma situação que irá transformar espaços rurais em áreas urbanizadas.

JMF: Sim, isso faz parte do espírito de Cidade; quer dizer, uma Cidade tem sempre um corpo, um coração, um núcleo duro principal, que foi aquele que acabei de identificar como Cidade, mas que no fundo é o Centro Histórico desse conjunto. Por isso, aos novos corpos da Cidade é preciso dar-lhes cidadania, introduzir funções, ambientes, espaços públicos, equipamentos, que lhes dêem um carácter urbano.

A Variante Sul

MM: Em relação a novos equipamentos públicos, a Cidade aguarda a concretização da segunda fase da Variante Sul.

JMF: A Variante é uma via a Sul de tudo isso, uma paralela ao cordão antigo, às estruturas viárias tradicionais. Isso é sinal de que a Ribeira Grande, no seu conjunto, digamos as três, quatro ou cinco

freguesias, está a crescer, está a desenvolver-se e, portanto, há necessidade de novas ligações. O processo de duplicação da rede viária, é um processo normal de crescimento urbanístico. Tu tens uma rede simples, que é um cordão com uma série de transversais, e a fase seguinte é fazeres uma quadrícula. Começas por traçar paralelas à primeira principal, surge a segunda principal, eventualmente, surgirá uma mais litorânea, e isso começa a ser uma rede em vez de uma linha. O importante, é que quando essas vias surgirem, que surjam como um todo urbanístico, quer dizer, que não sejam apenas umas estradas com alcatrão, larguíssimas e sem nada nos lados, onde vão caindo coisas como que de pára-quadras.

HT: Isso faz-me surgir uma pergunta, que pode ser nitidamente teórica: Que tipo de urbanidade mais

estou a dizer que têm que estar encostados à via, mas a sua implantação tem de ser pensada em função dessa via, porque essa via é que é o novo atravessamento, a nova veia urbana da Ribeira Grande. É por isso que digo que é essencial ter um Plano, ou pelo menos uma ideia global de estratégia de localização para funções novas.

A futura rua Direita

MM: A rua Direita que é, inquestionavelmente, muito bonita, apesar de aqui e além ser pontuada por intervenções pouco felizes, em nosso entender, se calhar também será da mesma opinião, está atravancada, porque serve de única via de passagem. A esperança é de que a variante, sem a anular, a substitua e valorize.

JMF: Que a substitua de certo

adequada para o caso da Variante, ou melhor, para o espaço entre a estrutura urbana antiga e essa nova via?

JMF: A urbanidade é um conjunto de situações que se conjugam entre si para dar um carácter urbano a um determinado sítio. Essa via rodoviária tem que ter um determinado desenho, tem que ter, por exemplo, um estudo de plantação de árvores de bordejamento, placa central. Tem que ter um desenho qualificado do seu próprio espaço público; tem que ter passeios com uma certa dimensão, com certo tipo de calcetamento, com certo tipo de cuidado artístico no calcetamento. Portanto, paisagística e mobiliário urbano. Depois, a futura parte edificada dessa zona tem também de ser cuidada, quer dizer, não se deve implantar ali uns prédios e ficarem os terrenos expectantes, à espera de qualquer coisa. Deve ser planeada integradamente com a estrutura existente antiga e ver que novos equipamentos e que novas funções é que podem ali surgir de uma maneira organizada, por exemplo, com uma distância ritmada, tal como havia os largos antigos, que têm mais ou menos uma distância repetitiva. Devem surgir ali uma série de novos equipamentos, inclusive, escolas, hospitais, tudo o que uma Cidade moderna precisa, distribuídos em acompanhamento e articulado. Não

modo, isto é, que lhe retire o trânsito pesado. Nós, hoje em dia, para salvarmos uma via agradável, antiga e tradicional, temos que lhe retirar grande parte do trânsito, não é cortar o trânsito, isto também mata a vivência urbana.

MM: Para quem quiser parar na rua Direita, usufruindo do que ela tem de melhor, tenha espaço para o fazer. Em nosso entender, será necessário continuar a requalificação deste espaço. Todavia, a grande incógnita, medo mesmo, inicial, dos seus comerciantes, era de que retirando-se-lhe o trânsito, o comércio da Cidade morresse.

JMF: Claro. Tem que se criar outras alternativas, mas esse problema dos comerciantes é sistemático. O comerciante reage de um modo muito conservador, pois, assenta naquele tipo de sistema de venda para um certo tipo de clientela e, subitamente, se se retira o trânsito ele entra em pânico. Mas isso também é uma coisa de ondas, de fluxo e refluxo, as pessoas reagem um pouco, em princípio, por uma aparente maior dificuldade de acesso, de paragens, mas logo depois, também vêm que tudo ficou mais agradável. Portanto, a clientela volta de outra maneira. Isso tem que ser feito pela via da sensibilização.

MM: Será o caso do Mercado de Gado transferido para Santana.

Numa primeira reacção, os comerciantes, sobretudo os ligados à restauração, protestaram, porém, hoje em dia, já não o fazem. Além disso, o PROCOM e o URBCOM estão a servir de instrumentos de requalificação.

JMF: Exacto. Mas uma das coisas essenciais, além de se definir o Plano de Intervenção, as zonas principais onde se deve mexer e os tipos de apoio aos comerciantes, é informá-los, fazerem-se reuniões, distribuírem-se folhetos, fazerem-se pequenos 'spots' televisivos, para se explicar o que se vai passar. Se as pessoas forem devidamente esclarecidas, elas percebem e, por certo, aceitam. **HT:** Começam a vivenciar as novas expectativas, as novas mudanças. **JMF:** E a identificar-se com.

O novo na construção da Cidade: Arquitectura Moderna

MM: Há uma questão fundamental, em nossa opinião, que é o lugar para o novo. E o papel do novo na construção da Cidade. O medo do novo, e a expectativa do novo.

JMF: Atrás começámos por falar na Cidade do passado e da Cidade do futuro. A Cidade do presente é a Cidade que articula as duas. E é nessa Cidade que se deve fazer o novo, quer dizer, a passagem equilibrada e gradual para as novas estruturas. Não se trata de esburucar a rua Direita e encaixar nela, à pressão, coisas modernas. Trata-se de saber que há uma via para a qual a Cidade vai tender a crescer, que é a nova via alternativa principal, daí ser importante tentar introduzir nova arquitectura e novos espaços, espaços públicos e urbanos, com carácter do nosso tempo, modernos. Não é anulando, mas atenuando as hipóteses de ruptura que possam existir, tentando evitar a ruptura. A ruptura é sempre traumática. O moderno deve, naturalmente, preencher as estruturas modernas.

MM: E há uma outra questão também que se pretende, quando referiu o novo, que é qual o lugar do novo. Eu queria focar que o aspecto da boa arquitectura moderna é imprescindível para rejuvenescer e para potenciar a cidade, como é o caso da ampliação do Museu da Ribeira Grande. **JMF:** A arquitectura moderna pode ser um edifício novo em diálogo com um antigo. Como pode ser dentro de um edifício totalmente antigo uma estrutura totalmente moderna. Portanto, há muitas nuances de adaptação e de escala da relação do moderno com o antigo. Pode ser dentro do antigo, pode ser ao lado do antigo, como pode ser numa zona totalmente nova.

MM: A Ribeira Grande não tem, praticamente, estatuária pública. **JMF:** Isso faria parte de um programa integrado de qualificação dos espaços públicos. Quem são os heróis da terra? Quais são os símbolos e os valores simbólicos que podem enriquecer um sítio? Um sítio não tem que ser apenas uma esplanada com uns bancos, pode ter uma referência escultórica, um ambiente criado com memórias, isso faz parte da tal alma. A alma também atravessa a história e o tempo, digo a alma colectiva, a qual tem os seus heróis individuais.

A Via Litoral

MM: O projecto da Via Litorânea, evoluindo da ideia de

Avenida Marginal, é outro equipamento urbano inadiável.

JMF: *Depende do que é se entende por Via Litoral. Se é uma via de trânsito rápido, rodoviário, acho que não. Porém, tem o maior interesse, porque é isso que dá urbanidade e vivência a uma zona que ainda é algo deserta.*

HT: A mesma, pode, eventualmente, vir a articular a Praia de Santa Bárbara (Ribeira Seca), a Zona das Piscinas Municipais, o Miradouro de Santa Luzia e a Ribeirinha.

MM: Será, cremos, uma via marginal, pedonal. Com espaço para a construção. Por detrás deste espaço de construção, voltado a Sul, será então a via rodoviária.

JMF: Mesmo essa via rodoviária tem que ter um controlo de trânsito. O que eu acho é que essas áreas pedonal e de trânsito rodoviário têm que ser concebidas, implantadas, estudadas e planeadas, de uma maneira integrada. Têm que ser integradas nas superfícies que vão até à praia e as que vão até aos primeiros prédios do Sul, entendidas como um sistema e não apenas como vias para peões e trânsito.

MM: É uma zona semi-deserta, pontilhada por alguns oásis: o complexo balnear, o Largo de Santo André, o Miradouro de Santa Luzia e o Alabote. Este tornou inevitável a construção da Via Litoral, sonho de muitas gerações de ribeiragrandenses, não só porque provou que é um lugar bonito e aprazível, mas também porque é rentável. Além de vir a salvaguardar a orla marítima.

JMF: Apontou um caminho. No fundo, trata-se de introduzir a lógica desse bar, desse espaço de estar, como um sistema. Torná-lo um sistema. Mas isso foi um promotor privado. Agora cabe à Câmara Municipal perceber a lição, tirar as devidas ilações e sistematizar. Aceitar, eventualmente, outras propostas, até de privados, mas a Câmara Municipal tem forçosamente que saber sistematizar e introduzir a ideia de Plano e de Sistema, assim não sendo, degenera em algo anárquico. É o que aconteceu no Algarve: ficou uma catástrofe, porque todos começaram a fazer milhares de coisas e, às tantas, o Algarve afundou-se. Deveria ser sempre uma acção concatenada entre a Câmara, o Estado e o Governo Regional. Tu tens equipamentos, que são da escala e da tutela do Governo Regional e tens outros equipamentos que são do âmbito da autarquia. E, depois, tens o investimento privado, o qual também tem que ser orientado, sobretudo, pela Câmara Municipal. Compete à Câmara e ao Governo Regional, através de um Plano, decidir.

MM: O Plano Director Municipal está ainda por aprovar, nem a Zona Histórica da Cidade está classificada. É um processo que se arrasta no tempo. Entretanto, a Cidade vai crescendo.

JMF: A Cidade não pode crescer de uma maneira descontrolada. Isso é a pior coisa que pode acontecer num sistema urbano. Tem que haver uma ideia clara de crescimento; tem que haver o que se chama, hoje em dia, Planeamento Estratégico, que é, por assim dizer, não ver um Plano como uma coisa fixa, que serve para aplicar durante 20, 30 anos, mas como algo que se vai modificando, que se vai actualizando, integrando

as novidades, as coisas necessárias.

Ribeira Grande, Semi-Região Turística

MM: Tenho conhecimento de uma proposta para a Via Litoral, repito, graças, em grande parte, devo dizer, à sua intervenção de que a Avenida Marginal seria...

JMF: Seria criminoso.

MM: Seria. Foram essas as suas palavras, proferidas no III Fórum Cidadania e Património, subordinado ao tema: 'Centros Históricos da Ilha



de São Miguel e Modelos Urbanos Atlânticos. Problemas de modernização, reabilitação e Planeamento', organizado pela ADIP e pelo Museu da Ribeira Grande, a 17 de Julho de 2000, no Teatro Ribeiragrandense. É que se evoluiu, e quero crer, positivamente, para uma solução de Via Litoral, uma que contemple a defesa do litoral e que proporcione a todos, habitantes locais ou não, o usufruto daquela área, que esteja também aberta a um novo discurso urbanístico. Há propostas para que neste local sejam implantados equipamentos tais como hotéis, ou outras estruturas de lazer, voltadas para o grande 'Ciclo', como erradamente se denomina, por todos saudado como o da salvação da economia, equiparável ao 'Ciclo' da Vaca: o 'Ciclo' do Turismo. Como integrar a Ribeira Grande nesta nova valência económica, como fazer com que os que nos visitam fiquem entre nós mais tempo?

JMF: Aí a Ribeira Grande tem muitas potencialidades.

Hotéis na frente litorânea assusta, talvez pequenos equipamentos: esplanadas, bares, pequenas residências, ou residenciais de pequenos quartos. A sua futura urbanização terá que ter uma escala baixa e rasa para manter o carácter da Cidade. Hotéis ou alojamentos com uma escala maior, na parte 'hinterland', na parte para Sul das vias novas, já é aceitável: tipo motéis, unidades celulares com uma série de quartos, de compartimentos de construções agrupadas, isso acho que pode consolidar e dar força à ideia de turismo. No entanto, há outra coisa importante no turismo, é que este, na Ribeira Grande, não é só o circuito das quatro freguesias e seus arredores, ele existe

potencialmente numa relação com a Ilha: as pessoas que fazem turismo em São Miguel, fazem um turismo de Ilha. Poderão passar a ficar sediadas na Ribeira Grande, que era uma coisa de que gostava imenso. Sempre que venho a São Miguel deixo ficar num sítio decente na Ribeira Grande. O que acabei de indicar, poderá fazer parte de um sistema organizativo de turismo em volta da Ribeira Grande. O fundamental seria ela tornar-se núcleo disso. Em vez das pessoas que ficam em Ponta Delgada, que

fazem o circuito e passam na Ribeira Grande, como passam noutro sítio qualquer, passavam a ficar, por exemplo, na encosta que sobe para Sul, sítio lindíssimo, ou ficariam num pequeno alojamento na Zona Histórica Litorânea, e fariam o seu circuito entre as Capelas e o Nordeste, a Maia e a Lagoa. Portanto, é necessário ter uma visão estratégica, de semi-região ou de mini-região, não apenas, vamos receber aqui os turistas, e agora, o que é que os turistas fazem? Não podem fazer muita coisa, nem têm que fazer muita coisa, o que o turista quer é circular e ver coisas, colecionar imagens.

Uma Cidade Jardim com equipamentos Culturais

MM: Não acha que as potencialidades da Ribeira Grande, a esse nível, estão subaproveitadas?

JMF: Pois estão. A começar pelo alojamento, quer dizer, eu acho que um dos grandes trunfos, sem querer também embandeirar em arco, é de facto o alojamento turístico. Este pode ser turismo de habitação, podem ser pequenas unidades de 20 quartos, 30 quartos. Há um outro aspecto de que já falámos, que é o da costa e do tratamento da zona litorânea, da estrutura central/tradicional antiga, da ligação às suas extremidades e continuidades, contudo, temos o *hinterland* para Sul, potencial em termos de futuro urbano. Eu sempre sonhei/imaginei essa zona *hinterland* da Ribeira Grande, que vai subindo lentamente, como uma espécie de pequena Cidade Jardim, quer dizer, há menos densidade de construção, se calhar tem uma vocação residencial muito mais forte, se calhar torna-se agradável viver aí, no arrabalde da tal zona mais densa, mais costeira, mas isso também faz parte do valor de Cidade. Se se constituir um pequeno Grupo, com certeza que vocês farão parte, de estudo, de consideração, de reflexão, sobre os valores desta região, desta Cidade, em duas semanas descobre-se e redescobre-se, coleciona-se e organiza-se um conjunto de originalidades, de especificidades, de coisas que dão alma à Cidade. A questão da alma da cidade. Este

conjunto de pedras, construções, este espaço, este agregado, é suposto ter uma alma própria, quer dizer, uma comunidade de pessoas com interesses, com sensibilidade, com adesão emocional a esse sítio, que se sentem pertença, que se sentem ribeiragrandenses, pertença desse núcleo urbano, dessa Cidade. Portanto, para mim, essa é a questão principal a definir: se existe, de facto, esse espírito, se existe uma comunidade ribeiragrandense, os cidadãos dessa cidade. Se essa comunidade, se esse colectivo tem coerência, tem força, tem ânimo de adesão a essa cidade.

MM: Isso é a nossa aposta. É a questão de concretizar o projecto de um Museu de Comunidade com as suas valências multipolares, seja o Linho, seja o Moinho, seja o Chá, seja o Arcano, seja as Artes Tradicionais, seja os Roteiros urbanos. Portanto, na Ribeira Grande existem muitos pólos de atracção além da paisagem, da natureza. A actividade cultural começa a reanimar. Veja-se o caso do Teatro.

Hipermercado, Auto-estrada e Instituto Superior Politécnico

MM: Existem outros equipamentos além da Variante a Sul, como por exemplo a auto-estrada que, segundo o Governo Regional, nos próximos 4 anos, unirá a Ribeira Grande à Lagoa e a Ponta Delgada. E haverá, dentro em breve, um Hipermercado. Quanto a este último equipamento, importa dizer que é algo que tem sido encarado, por parte de certo comércio local, com bastante apreensão. Será, na sua opinião, caso para isso?

JMF: *A introdução de um Hipermercado é de um peso fortíssimo e com consequências enormes no tecido urbano. Vai atrair imenso trânsito; imensas funções: comerciais, equipamentais aderentes, que aproveitam essa atractabilidade, sobretudo, o equipamento principal para poderem lucrar com isso.*

O problema dos supermercados de grande escala, de grandes superfícies, é normalmente a falta de qualidade arquitectónica e estética. São enormes barracões feitos apenas para ganhar dinheiro através da venda de grandes quantidades de produtos de consumo, mas descuram muito o aspecto arquitectónico. O exemplo do Hiper é um, mas para qualquer outro equipamento devia ser também salvaguardada a sua qualidade estética. Aí é essencial se se conseguisse fazer de um Hiper, um bom projecto arquitectónico; qualificava imediatamente o espaço. Aqueles que viessem juntar-se, por adesão, por atractabilidade, teriam também uma preocupação estética.

MM: Houve exigência da Direcção Regional de Cultura, em abono da verdade, e da própria Autarquia, no sentido de se reformular o projecto inicial. Portanto, houve uma preocupação, digamos assim, de integrar a fachada voltada para o alçado da igreja de São Francisco. Não mencionei ainda, por exemplo, entre outros equipamentos, a pretensão a um Instituto Superior Politécnico

JMF: É um importantíssimo pólo de atracção.

Construir uma Cidade Alegre

MM: Como bem sabe, existem duas cidades: a da memória e a de futuro. E há a relação, a tal relação de que o Arquitecto falou, da população com essa memória. Uma parte da população, sobretudo a mais jovem, acha que a Cidade é velha, fechada, cinzenta...

HT: Daí a interrogação: como a poderemos tornar mais alegre?

JMF: Eu percebo isso. Há 20 anos, lembro-me de que tinha também um pouco essa imagem, que era uma Cidade um pouco triste, talvez por causa da costa Norte, da falta de luz, da luz meridional, etc., quer dizer, eu acho que há um grande caminho para isso, que é a qualificação dos espaços públicos, e a Ribeira Grande tem duas áreas extremamente propensas para isso que é toda a frente marginal, onde se pensa o tal passeio marginal, e o acompanhamento da ribeira, ou das ribeiras, as transversais e o lado Sul. O que é que quer dizer qualificação do espaço público? Quer dizer introdução de boa paisagística, de bons arranjos paisagísticos, e de bom equipamento e mobiliário urbanos. Estou a falar de espaços para as pessoas estarem, pequenos largos, espaços para se sentar, esplanadas, arborização, caminhos decentemente pavimentados, espaços de parque. Portanto, eu acho que aí toda essa frente entre o oceano e a parte urbana propriamente dita e os avanços transversais das ribeiras podem ser espaços de qualificação, que poderão dar essa agradávelidade à Cidade.

As pessoas que têm essa visão mais cinzenta, mais densa, certamente, terão oportunidade de a ultrapassar logo que passem a existir espaços aprazíveis: de ver o mar, de jardins, de parque, de arborização. O Parque Infantil da Ribeira Grande estava relativamente cuidado. Foi objecto de ajardinamento. Isso é um pequeno exemplo do que se poderá fazer. Agora, há que estender tudo isso até lá baixo (ao mar), e até lá cima (Mãe d'Água), ao longo da ribeira, e depois a toda a frente, ao longo da costa. É o que se impõe.

MM: Portanto, até à foz da ribeira e da Ponte Nova para cima, até à Mãe d'Água.

JMF: E que devia ser um projecto integrado dos espaços públicos litorais e de ribeira.

MM: Para tudo seria necessário, além do mais, encontrar fontes de financiamento. Assim, pelo facto de a construção cidadina ter sido negligenciada, salvo uma ou outra mirrada excepção, *e ter sido elevada a Cidade sem o dote do Avô – Governo Central -, ou do Pai – Governo Regional -, ou da Mãe – Câmara Municipal - , há tempos vimos sugerindo que, por um lado, a autarquia se candidate ao programa 'Polis', por outro que os Governos Central e Regional percebam que não basta ter filhos é preciso dotá-los de acordo com as suas necessidades:* o desenvolvimento multipolar dos Açores e de Portugal precisa de uma Ribeira Grande forte. A Ribeira Grande, sociedade civil, está há longo tempo pronta e expectante. Estarão os outros parceiros?

Mário Moura / Hermano Teodoro

Padre Edmundo Pacheco

Ao pensar ou falar do mês de Maio, um micalense, onde quer que esteja, evoca a festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Naturalmente pela sua memória perpassa um conjunto de lembranças, de pessoas, de encontros, sei lá, de tantas coisas e inúmeros pormenores que jamais ficarão no abismo do esquecimento. O culto do Senhor Santo Cristo, a devoção do povo micalense tem as suas raízes na decisão de uma humilde freira ribeirão, nascida no século XVII. O seu nome é bem conhecido – Teresa de Anunciada, nascida na freguesia de São Pedro. Não é, de modo algum, exagero afirmar que os ribeirão sentem orgulho pela solenidade do Senhor Santo Cristo. É que, desta terra, nasceu, desenvolveu-se e fortificou-se, não apenas em São Miguel, como em qualquer parte do mundo, a confiança no Senhor Santo Cristo, cuja Veneranda Imagem se encontra no Santuário da Esperança, em Ponta Delgada. Teresa d'Anunciada, ao querer rodear a Imagem querida do mais

esplendoroso brilho, suplicou aos Condes da Ribeira Grande o seu valimento. Assim, pouco a pouco, foram erguidas as bases e as estruturas de um autêntico trono, onde tem estado o Fidalgo, como carinhosamente chamava a religiosa franciscana ao Senhor Santo Cristo. A sua piedade sonhou que não podia ficar no silêncio do mosteiro o sagrado ícone, e que deveria sair pelas ruas da velha Cidade para receber hosanas da população. E esta, por sua vez, poderia depositar confiança na protecção divina, estabelecendo assim, um pacto forte que ninguém é capaz de romper ou de quebrar. Nascendo, ou melhor dizendo, renascendo *A ESTRELA ORIENTAL* no mês de Maio, imediatamente surge no tablado do nosso espírito que a ambição dos ribeirão assenta em alicerce seguro para uma arrancada brilhante, indo ao encontro das aspirações da nossa gente, no sentido de transformar a Cidade ribeirão num espaço de progresso e de sublimação. Para tanto, necessário se torna que haja brio, união de esforços,

espírito de audácia e de muita perseverança. Os sonhos, por mais belos que sejam, têm de obedecer a um plano, e este não pode ficar no papel. A acção urge, com ritmo, esclarecida e dinâmica. Como ribeirão, que se sente feliz por ter nascido aqui, e por ter contribuído, em diversas áreas para que 29 de Junho de 1981 tivesse sido uma data gloriosa na história da Ribeira Grande, nutro a esperança de que *A ESTRELA ORIENTAL* vai singrar o seu rumo, com segurança, dando ao Povo a resposta certa aos anseios e aos problemas que fazem parte do quotidiano da comunidade. A circunstância do mês de Maio ser o tempo da festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, e esta ter nascido e ser o que actualmente é, constitui em minha opinião, sugestivo motivo para aspirarmos a um futuro risonho e promissor para esta publicação, a qual deve ser uma “estrela”, a indicar rotas de progresso ao nosso Povo e de Prestígio para o nome da Ribeira Grande.

Dr. Hermano Melo

Tocou o sino para o Jornal *A Estrela Oriental*. Já era tempo de tocar o sino, convenhamos, que deveria ser a rebate, para o regresso de um Jornal a este lado do Norte da Ilha de São Miguel. Graças à iniciativa da Cooperativa *Mãe d'Água*, agremiação sediada na cidade de Ribeira Grande, um nome que em nada é estranho a estas bandas do Norte micalense, remetendo o mesmo, para além da questão toponímica e de técnica ligada à indústria moageira, para o acto de germinar, de dar à luz, é relançado um título de Jornal, neste particular a Série III, de nome a *A Estrela Oriental*, o qual faz remontar a sua primeira edição ao ano de 1856. Foi em ambiente aniversariante de uma Assembleia Geral do Lion Clube da Ribeira Grande, sessão do dia 28 de Abril último, num restaurante da Cidade da Ribeira Grande (16 anos do Clube anfitrião e 4 anos do Lion Clube da Maia), que o seu Director, Oliveira Moura, Convidado de Honra da Sessão, apresentou o *leitmotiv* parao novo

ressurgimento desse ancestral Jornal nortenho, possivelmente, em cronologia, o terceiro no contexto dos Concelhos açóricos. Relevou o seu Director que a Cooperativa *Mãe d'Água*, para além de outros objectivos futuros, mormente os editoriais, pretendeu devolver ao Concelho e, mais em concreto, à Cidade ribeirão, um equipamento social imprescindível para o seu desenvolvimento. Uma belíssima prenda, diga-se em abono da verdade, para uma Cidade que comemora os seus 20 anos de elevação. Tal como a *Mãe d'Água*, que deseja continuar a fecundar, o Jornal *A Estrela Oriental*, que relembra, em permanência, a Padroeira deste Concelho do Norte da Ilha do Archanjo Miguel, promete ajudar a guiar, com a sua cintilação, refira-se que a “construir e não destruir”, a olhar o “próximo” numa perspectiva colectiva, qual lion, o percurso de uma terra rumo à afirmação da sua identidade, e, convenhamos também, a relegar para os infernos da má memória uma orfandade e letargia a que, infelizmente, se submeteu. Que o sino não deixe de tocar, de preferência e ininterruptamente, a rebate.

Um novo Jornal da Ribeira Grande



Dr. Ricardo Silva
Director Regional da Habitação
Secretário Coordenador do
P.S. Ribeira Grande

O aparecimento simultâneo na comunidade ribeirão de mais dois agentes culturais importantes não pode deixar de constituir um acontecimento de relevo: primeiro, pela raridade; segundo, pela beleza do acto. Não é vulgar o nascimento de tais gémeos: uma cooperativa cultural e um jornal, mas isto só sobreleva as comunidades que manifestam vitalidade através de criações que reforçam o seu dinamismo, a sua energia e a sua potencialidade. É rica a tradição da Ribeira Grande no jornalismo. O século XIX e o início do século XX demonstra-o não só no número de jornais como na insigne qualidade de homens que muito deram ao jornalismo. É com alegria que vemos esta tradição reassumida. Um jornal, o *A Estrela Oriental*, é vida, mas é sobretudo espírito. Fonte de conhecimento, debate, luta e prazer, não deixa de ser um dos grandes meios de

comunicação entre os homens. Que o *A Estrela Oriental* sirva para este nobre fim: aproximar os ribeirão através do franco diálogo. Poderemos perguntar-nos se não é este o fim de um jornal local. Num mundo global, tecnológico, onde a notícia do pólo oposto nos chega em minutos, que sentido dar a um agente cultural que nos visita uma vez por mês? Sem dúvida, o sentido da mensagem e da palavra.

Por outro lado, o sentido do surgimento de uma cooperativa cultural, a *Mãe d'Água*, indicia que no campo cultural há ainda muita semente por lançar. Desejamos profunda e sentidamente que a nóvel cooperativa cultive domínios que possam fazer crescer os ribeirão.

Uma cooperativa possui um conteúdo colectivo, onde o Todo substitui o Eu, mas não o anula. Esperemos vivamente pelas iniciativas de Todos porque assim a cooperativa poderá atingir o seu objectivo: captar a imanência e a criatividade da comunidade. Não esperemos pela cooperativa, devemos ir ao seu encontro e de certeza que o acto cultural surgirá. Não poderia deixar de ter uma palavra de apreço pelo grande amigo Mário Moura, grande animador deste empolgante projecto: obrigado pelo teu esforço e empenho. As terras constituem-se com os sonhos dos seus filhos: a Ribeira Grande agradece a obra que o sonho desejou.



Dr. José de Sousa Rego
Vereador e Deputado
Regional do PS

A iniciativa da Cooperativa *Mãe d'Água* de fazer ressurgir um jornal de cariz local e regional, na Ribeira Grande, indo buscar o mais antigo título dos jornais que existiram no concelho, *A Estrela Oriental*, é

uma louvável resposta a uma das nossas lacunas existentes no domínio da comunicação social escrita.

Esta aposta só poderá ser conseguida se este espaço for um fórum de debate aberto, democrático e pluralista das questões culturais, sociais, económicas e políticas que se desenvolvem no concelho. A Ribeira Grande, no âmbito rádiofónico, conta com uma estação “A Rádio Nova Cidade”, há largos anos, fruto da iniciativa privada e que tem persistido com o apoio do comércio, da indústria ou mesmo da autarquia. Certamente, a sociedade ribeirão saberá apoiar este novo projecto, por forma a não estarmos perante mais uma das muitas experiências que

várias gerações tentaram levar avante.

O Concelho de hoje começa a ser diferente. A pujança económica das nossas indústrias, o desenvolvimento do comércio e dos serviços, as actividades culturais, as estruturas educacionais e desportivas, bem como a dinâmica própria do estatuto de Cidade da Ribeira Grande fazem com que este seja o momento oportuno para renascer a ideia de termos o nosso jornal.

Ao projecto do Dr. Mário Moura e dos seus mais directos colaboradores fazemos votos de muito sucesso, porque a Cidade merece, o concelho necessita e os Açores ficarão mais ricos por esta iniciativa.



Dr. António Pedro Costa
Presidente da Câmara
Municipal de Ribeira Grande

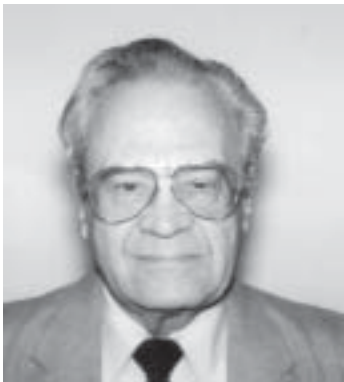
Hoje, retoma-se uma nova página da história do jornalismo da Ribeira Grande. Volta-se a editar

A Estrela Oriental, que marcou com notável vigor e moderação o meio editorial local. Este periódico foi um testemunho e um símbolo vivo do jornalismo que pugna pelos reais interesses da nossa terra. Por isso, saúdo com satisfação esta nova série, certo que *A Estrela Oriental* saberá cumprir o seu papel de promoção e defesa dos altos e nobres valores deste Concelho. O desenvolvimento da nossa terra não se faz apenas com o desenvolvimento económico, mas também com o desenvolvimento social e

cultural. A existência de um periódico em qualquer sociedade moderna é a alavanca da liberdade e sinal de progresso. Outrossim, a responsabilidade de consolidar o prestígio do *A Estrela Oriental* recai sobre os ombros dos Directores, nos quais se incluem também os respectivos juizes – os leitores –, pois a coerência normativa e deontológica serão certamente orientadoras do seu estatuto editorial. A estrela emblemática que cintila sobre a Ribeira Grande é o sinal de que sonhamos bem alto na concretização de um futuro risonho.



Evocando a memória de um grande açoriano O 'Senhor Prior' da Ribeira Grande



Agora, talvez, desconhecida das novas gerações que surgiram após o seu falecimento em Novembro de 1957, a figura afável e inconfundível do Padre Evaristo Carreiro Gouveia, vigésimo nono Vigário e sétimo Prior da Matriz de Nossa Senhora da Estrela, na então Vila da Ribeira Grande, em São Miguel, avulta ainda impressionante e gigantesca na minha mente, não obstante as quase cinco décadas transcorridas depois de 1952, data da minha partida para Roma, e, assim o ditou o Destino, do nosso derradeiro abraço de despedida. Transferido da freguesia de Santo Espírito, em Santa Maria, em 1911, para a paróquia da Matriz de Nossa Senhora da Estrela, o Padre Evaristo Gouveia foi nomeado Vigário e Prior em 1915, depois da morte do Cônego Manuel Ferreira Pontes. A história aponta que o dinâmico sacerdote serviu a difícil e problemática Matriz e a Ribeira Grande durante 46 longos anos, com aprumo e com uma dedicação notável e até invulgar, jamais amedrontado pelas enormes dificuldades materiais de uma área incapaz de lhe patentear melhor. Tendo chegado à Ribeira Grande por altura da Lei da Separação e num ambiente antireligioso agravado ainda pelo confrangedor estado sócioeconómico da paróquia espoliada por rábidos caudilhos republicanos, o jovem sacerdote lançou-se denodadamente à

elaboração e implementação de vários projectos de renovação espiritual da sua vasta freguesia. As suas inovações começaram com a iniciativa da celebração do Mês de Maria à noite, para assegurar maior afluência de fiéis, e prosseguiram, sem pausa, com a promoção pujante de outras realizações de carácter sócio-religioso que culminaram com a remodelação e revivência das pomposas festividades do Sagrado Coração de Jesus, cuja imponência e beleza atingiram momentos fulgurantes sobretudo após a instalação de luz eléctrica no majestoso e histórico templo que domina as áreas adjacentes e a bela paisagem da cidade da Ribeira Grande. Até os sinos se tornaram famosos com "repiques" de beleza única que empolgavam as almas e os corações...

Foi ele quem introduziu o desporto na Ribeira Grande para subtrair a juventude às teias perniciosas da taberna e da ociosidade que envenena e atrofia. Seguiram-se depois a associação dos "Amigos da Catequese", precursora da Acção Católica nos Açores, a Associação de Santa Inês, a Cruzada Eucarística de São Miguel, as Filhas de Maria, a Juventude Católica, para jovens de ambos os sexos, e a Liga Católica, mais tarde transformada em Conferência de São Vicente de Paulo. A Juventude Católica tornou-se fulcro respeitável de jogos, conferências, leituras, sessões de cinema e teatro, e múltiplos divertimentos que muito atraíram não só a juventude como também o resto da população.

O seu dinamismo, que nunca se limitou a actividades de natureza puramente religiosa, criou, outrossim, o popular Recreatório, na casa onde outrora vivera o Pai da História Açoriana, o Padre Dr. Gaspar Frutuoso, um dos seus mais ilustres predecessores na chefia da Matriz. O Recreatório foi durante

longos anos o salão polivalente e o palco de várias das melhores realizações ribeiragrândenses, e serviu de palco para o lançamento do seu famoso Presépio animado, que deliciava e fascinava as deslumbradas crianças e as multidões que ali acorriam de toda a ilha e de outros pontos açorianos e até mesmo internacionais. Actualmente instalado no edifício da Casa da Cultura, o "Presépio do

sacerdócio do Padre Evaristo Carreiro Gouveia, e a sua caridade e abnegação merecem, justamente, ficar registadas nos anais da cidade da Ribeira Grande e ficar para sempre gravadas nos corações dos ribeiragrândenses e de muitos outros que ele tão bem soube servir, o seu espírito empreendedor, eficiente, decisivo e de uma visão invulgar devem servir de lição aos presentes e vindouros, especialmente nestes

inclemências de Neptuno e Éolo—, e nestes dias em que, indolentemente, se descursa o tesouro da sua beleza natural e paisagística que a poderia colocar nos mapas dos roteiros obrigatórios do turismo nacional e internacional, se a região estivesse dotada das imprescindíveis estruturas hoteleiras, recreativas e de convívio que atraem e cativam o visitante e o turista.

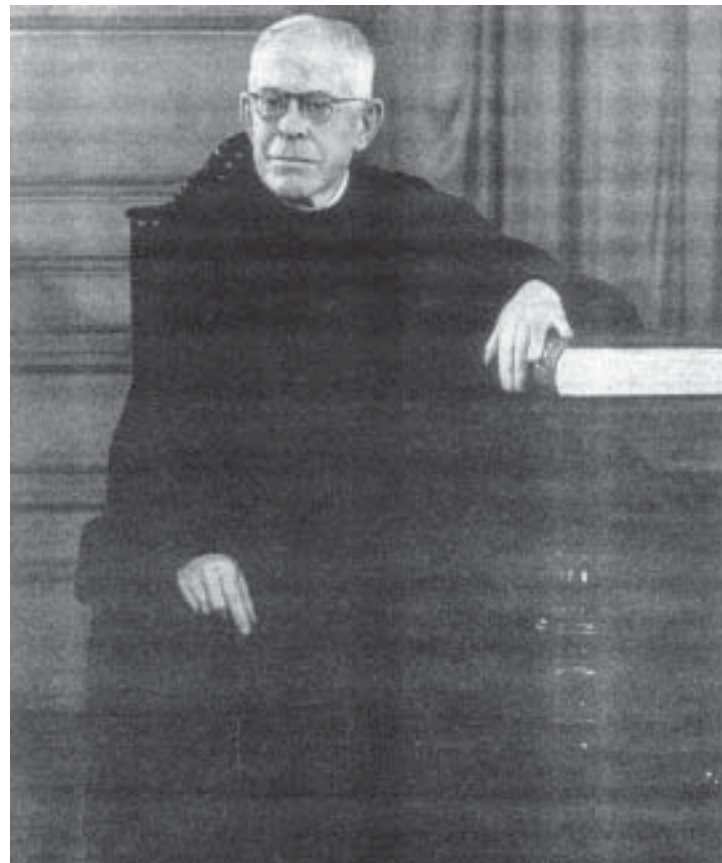
Emoldurada na pulcritude e fertilidade da planície regional, na abundância dos seus vastos recursos hídricos, nas grandiosas vistas panorâmicas do Miradouro de Santa Iria, do Porto Formoso, São Brás, e Maia, e nas atracções do centro piscatório de Rabo de Peixe e das outras formosas áreas do seu amplo concelho, a Ribeira Grande apresenta condições invejáveis para vencer e convencer na pugna turística.

Dotada, ela própria, de encantos paisagísticos, — como as coloridas Cavalhadas, a fascinante Lagoa do Fogo, as lindas Caldeiras, a empolgante costa e a refrescante piscina marítima das Poças, — aliados ao seu rico património arquitectónico de impressionantes monumentos, templos, edifícios e praças seculares, e à mistura de notáveis empreendimentos e realizações, tais como as indústrias dos lacticínios e dos moinhos, a Ribeira Grande faz jus a marcar posição de relevo no turismo, e consequentemente, a assegurar um futuro mais risonho aos seus habitantes.

O saudoso "Senhor Prior" acreditou no potencial do povo que ele serviu durante quase meio século com enormes sacrifícios pessoais, mas com uma visão e com um espírito de iniciativa, dedicação e verdadeira abnegação que merecem a nossa admiração e infindo reconhecimento.

San Rafael, California

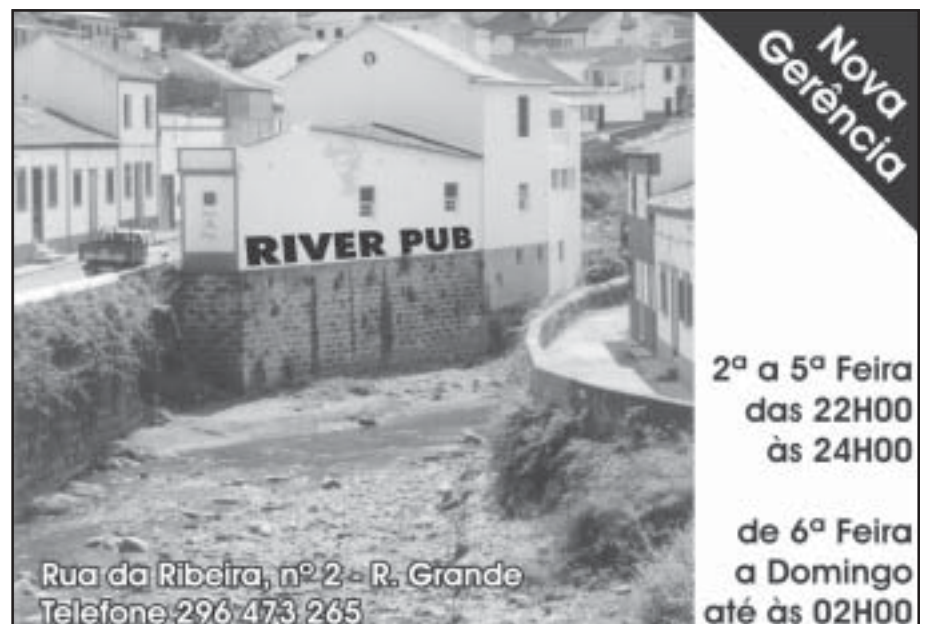
Fernando Silva



O 'Senhor Prior', Padre Evaristo Carreiro Gouveia

Senhor Prior", como então era conhecido, logrou adquirir justa fama que transcendeu e ainda ultrapassa os confins da Cidade da Ribeira Grande e dos Açores. Mas se a exemplaridade do

tempos em que se viola impunemente a agora confrangedora orla marítima da altaneira urbe nortenha — actualmente despida dos seus belos areais que a amplexavam ternamente e a protegiam das



PARADISE
Cervejaria
Restaurante
Discoteca

Sapataria LIMA
Rua Gonçalo Bezerra, 37
9600 Ribeira Grande
Telefone: 296 472732

casa & objectos
AÇORES
Estamos em frente ao Teatro Ribeiragrandense Abertos ao sábado

Precisa Saber Que...

Museus

Cidade
Museu da Ribeira Grande
Sede: Coleções etnológicas, arqueologia, cerâmica, Presépio Movimentado, Laboratório arqueológico
Rua S. Vicente Ferreira, 10
2ª a 6ª feira - 8:30 - 12:30
13:30 - 16:30
296 472 118, ext. 33,37, 39
Arquivo arqueológico/ Largo das Freiras Reservas visitáveis (a abrir brevemente), Rua do Estrela

Museu de Arte Sacra
Sacristia e Arcaño Místico
Igreja Matriz
296 473 660

Concelho
Museu do Pico da Pedra
Rua da Paz
2ª a 6ª: 9 às 12 - 14 às 18
Etnografia local e exposições temporária
296 498 770

Bibliotecas

Cidade
Serviços de Documentação/Museu da Ribeira Grande:
Biblioteca: Arqueologia, história geral, nacional, açoreana e local, museologia, etnologia, literatura açoreana
Hemeroteca: Jornais locais e boletins
Iconoteca: arquivo fotográfico
Arquivo: histórico
Todos os dias úteis das 8:30 às 12:30 e das 13:30 às 16:30
Rua S. Vicente Ferreira, 10
296 472 118, ext. 33
e-mail: info@bib-pub-ribeira-grande.rcts.pt

Calouste Gulbenkian
Especializada em literatura geral, obras de referência e internet
e-mail: info@bib-fixa-ribeira-grande.rcts.pt

Juvenil
Literatura infantil e para adolescentes. Jogos, trabalhos manuais, contos e vídeos.
Todos os dias úteis das 9-12:30 e das 13:30 às 17
Rua da Praça, n.º 5
296 472 118, ext. 27

Livraria

Terceiras Tabacaria e Livraria
Rua Gonçalo Bezerra, 6-8
296 472 804

Alojamento

Cidade
Residencial da Ribeira Grande
Rua dos Condes
296 473 488

Casa S. Rita
Rua Gaspar Frutuoso, 21
296 474 074

Concelho
Quinta de Santana
Canada da Meca
296 491 241

Quinta das Areias
Canada dos Mingachos
Rabo de Peixe
296 491 066

Casa das Calhetas
Rua da Boa Viagem
Calhetas
296 498 120

Solar de Lalém
Estrada S. Pedro - Maia
296 442 004

Herdade de Nossa Senhora das Graças
Lomba da Maia
296 446 369

Casa da Ribeira
Quinta da Ladeira
Lomba de S. Pedro

Teatro Centro Cultural

Cinema: Todos os dias a partir das 21:45
4ª Feira: Matiné às 14:30 e Soirée às 21:45
Domingo: Matiné às 15:30 e Soirée às 21:45
Bilheteira: 296 474 100

Centro Cultural:
Academia de Música / Pontilha
Área escolar da Ribeira Grande:
Expressões musical e dramática /
Clube de informática / Associação de Jovens Jornalistas
Rua El-Rei D. Carlos I
Geral: 296470340
Administração: 296470 345

Comunicação Social

Rádio Nova Cidade
Rua Adolfo Medeiros
296 472 738

Jornal A Estrela Oriental
Centro Cultural
Apartado 6, 9600 - Ribeira Grande

Hospital

Cidade
Hospital da Ribeira Grande
Rua de S. Francisco
296 472 128

Concelho
Posto de Saúde da Maia
Boavista
296 442 600

Posto de Saúde de Rabo de Peixe
Escolas Novas
296 491 783

Posto de Saúde de Fenais da Ajuda
Avenida do Pensamento
296 462 555

Farmácias

Cidade
Misericórdia
Rua de S. Francisco, 19-23
296 472 359

Central
Rua de S. Francisco, 20-22
296 472 426

Ribeirinha
Rua do Jogo 1-A
296 479 202

Concelho
Borges da Ponte - Rabo de Peixe
Rua Padre João J. Sousa, 30
296 491 312

Posto Farmacêutico - Pico da Pedra
Rua Dr. Moniz M. Mota, 9
296 498 600

Santa Casa da Misericórdia - Maia
Rua da Boavista
296 442 244

PSP

Cidade
Rua do Ouvidor, 25
296 472 120, 296 473 410

Concelho
Maia
Rua Santa Catarina, 9
296 442 444

Rabo de Peixe
Av. D. Paulo J. Tavares
296 491 163, 296 492 033

Bombeiros Protecção Civil

Cidade
Serviço
Rua da Praça, 47
296 472 899

Concelho
Maia (Urgência)
296 446 017

Lomba da Maia - Outeiro
296 446 175

Correios

Cidade
Rua N. Sra. da Conceição
296 470 140

Concelho
Maia
Estrada S. Sebastião
296 440 000

Rabo de Peixe
Rua N. Sra. de Fátima
296 490 140

Pico da Pedra
296 498 770

Serviços do Estado e Outros

Centro de Prestações Pecuniárias
296 472 030

Conservatória de Registo Civil
Rua Conde Jácome Correia
296 472 555

Conservatória do Registo Predial
Rua Sousa e Silva
296 472 133

Cartório Notarial
Rua Conde Jácome Correia
296 472 115

Delegação da Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada
296 472 375

Repartição de Finanças
Rua do Espírito Santo, 2-4
296 472 211

Tribunal Judicial
1.º Juízo / 2.º Juízo
Rua Sousa e Silva, 7
296 470 300

Turismo

Posto Municipal de Turismo
Jardim do Paraíso
296 474 332

Autarquias

Cidade
Câmara Mun. de Ribeira Grande
Largo Artur Hintze Ribeiro
296 472 118

Junta de Freguesia de Ribeirinha
Rua Aristides Soares Gamboa, 26
296 479 431

Junta de Freguesia de Matriz
Rua Prior Evaristo C. Gouveia
296 473 512

Junta de Freguesia de Conceição
(Prov.) Rua de N. Sr.ª Conceição, 114
296 472 270

Junta de Freguesia de Ribeira Seca
Rua do Mourato, 1
296 472 845

Junta de Freguesia de S. Bárbara
Rua N.ª Sra. das Vitórias, 49
296 477 166

Concelho
Junta de Freguesia de Lomba de S. Pedro - Covão
296 462 550

Junta de Freguesia de Fenais da Ajuda
Rua da Canada
296 462 402

Junta de Freguesia de Lomba da Maia
Largo da Igreja
296 446 041

Junta de Freguesia de Maia
Rua Santa Catarina
296 442 246

Junta de Freguesia de S. Brás
Rua Nova, 13
296 442 850

Junta de Freguesia de Porto Formoso
Rua Pe. João B. Couto, 19
296 442 474

Junta de Freguesia de Rabo de Peixe
Rua do Rosário, 29
296 491 266

Junta de Freguesia de Calhetas
Largo da Igreja
296 498 270

Junta de Freguesia de Pico da Pedra
Avenida da Paz, 14
296 498 770

Rua da Estrela, S/N
Telefone 296 473 409
9600 Ribeira Grande
Hbeer House
O Anacleto
beerhouser@hotmail.com

Peixe, Carne e Marisco Vivo
Cherne
Albacora
Geraz
Pargo
Recaz
Abrótea
Garoupa
Restaurante O SILVA
Canaco
Cracas
Lapas
Lagosta
Ribeira Seca - Ribeira Grande
Telefone: 296 472641

Nortadas

A *Estrela Oriental*, neste primeiro número, é forçoso, antes de mais, agradecer o apoio inestimável de Mestre Manuel Ferreira, decano dos jornalistas açorianos, lídimo paladino dos interesses dos Açores, AMIGO de todas as horas. Que continues a nos surpreender, por muitos e dilatados anos, com a tua vasta e imprescindível escrita. A António Valdemar, ribeirão-grandense de gema, excelente académico de erudição inesgotável e arejada. A Cristóvão de Aguiar, a Onésimo de Almeida, a Fátima Borges, a Fernando Silva, todos pelas suas palavras de incentivo e pronta colaboração. A Eduardo Jorge Brum que, com o seu jornal, na peugada desassomburada de Supico e de Manuel Ferreira, revolucionou o jornalismo escrito nos Açores, pelo seu apoio solidário e pela sua amizade indefectível. A Daniel de Sá, AMIGO e MESTRE, alma generosa e de proverbial e sapiente paciência. A Carlos Sousa, o generoso e desinteressado criativo, companheiro de aventura.

Agradecemos, igualmente, a prontidão e o apoio por parte do Eng.º Amaral, Abílio Baptista, Dr. José Lobo San-Bento, e seus funcionários, Pe. Edmundo Pacheco, Emanuel Terceira, Dr.ª Manuela Dantas, Conservadora do Registo Predial e suas funcionárias, às firmas Rui & Gastão, Evaristo Lima e Hipermercado Modelo, ao Sr. Carlos Arruda, ao Pedro Monteiro, ao Sr. José António Gonçalves, nosso prestável contabilista, ao Júlio Sousa, à Dr.ª Judite Teodoro, ao Dr. Carlos Manuel Silva, ao Sr. José António Pereira, ao Dr. Luís Faria e a todos os amigos. Perdoem-nos, de antemão, os que, por lapso, esquecemos.

O sonho do jornal só se tornará uma realidade duradoura, como é óbvio, com a colaboração e o empenho de todos, colaboradores, patrocinadores e leitores. Lançamos um apelo a todos quantos queiram participar neste projecto, de onde quer que sejam, que nos contactem.



O Comércio da rua Direita e ruas adjacentes está cada vez mais bonito, mais convidativo e moderno. É assim que se faz uma Cidade alegre e apetecível.

Foi inaugurada na Cidade da Ribeira Grande, em Abril passado, na rua Gonçalo Bezerra, n.º 7, após uma longa ausência, uma nova sede do Partido Socialista. É um equipamento incontornável de Cidade por muitos desejado. Parabéns ao seu Secretário coordenador, Dr. Ricardo Moniz da Silva, a todos os seus colaboradores e militantes daquele partido político. A *Estrela Oriental*, aproveita o ensejo para desejar que lhe sigam o exemplo, em prol da democracia e do desenvolvimento.

A 6 de Maio, foram inauguradas as novas instalações da Farmácia Central, sita à rua de São Francisco, 19-23, no local da antiga hospedagem, restaurante e bar da família de Firmo Moniz de Vasconcelos. A Farmácia Central, registe-se, foi fundada em finais do século XIX pelo farmacêutico, de origem continental, Manuel Simões Moura, bisavô do nosso Director. Manuel Simões Moura exerceu igualmente o seu ofício na Farmácia do Hospital. Mais tarde, após o seu falecimento, ocorrido no início do século XX, chegou à posse do Senhor João Carvalho, dele passou à do Dr. Artur Almeida Lima, senhor que teve o bom gosto e a saudável ousadia de encomendar ao arquitecto João Rebelo, filho do Pintor Domingos Rebelo, o projecto da sua moradia, avô da actual Directora Clínica, Dr.ª Teresa Almeida Lima, a quem *A Estrela Oriental* endereça sinceros votos de êxito.

No mês de Maio, o **Teatro e o Centro Cultural da Ribeira Grande** celebraram o seu primeiro aniversário. A Ilha, o Concelho e a Cidade devem-lhes estar gratos, pois, desde então, são visíveis os benefícios. *A Estrela Oriental* agradece a visão do Presidente da Câmara, Dr. António Pedro Rebelo Costa, bem como a do Eng. Hermano Motta, anterior Presidente, assim como a todo o elenco camarário, e todos quantos contribuíram e contribuem para o funcionamento daquele equipamento cultural.

Prosseguem a bom ritmo, pelo que a autarquia nos informa, os trabalhos de requalificação do vetusto Mercado da Cidade da Ribeira Grande. Tal como o Centro Cultural, este equipamento por certo irá transformar a face comercial da terra. Impunha-se.

Iniciaram-se, na primeira semana de Maio, os trabalhos de terraplanagem no terreno destinado ao Hipermercado Modelo, do Grupo Sonae/Sousa Lima. Pelo que nos informa fonte do citado Grupo, o complexo empregará mais de cem pessoas e estará aberto no próximo mês de Outubro.

Dentro em breve, ao que consta, a autarquia irá colocar parquímetros na rua Direita e diversas ruas em seu redor. Excelente iniciativa.

A Cidade não é a mesma depois do aparecimento do 'Alabote Bar'. Parabéns Rui Cordeiro, a tua visão, mais eloquente do que discursos de circunstância, tornou inevitável a inadiável construção da Via Litoral. Para breve, teremos um 'Alabote Bar' mais amplo e funcional, graças ao promissor arquitecto Fernando Jorge Monteiro, nosso talentoso conterrâneo, filho do saudoso Eng. Fernando Monteiro.

É excelente o continuado trabalho, de grande qualidade, ímpar mesmo, levado a cabo pela Associação Cultural Pontilha. O mesmo se deverá dizer, com toda a justiça, do do 'Amphi Teatrum'. Votos de que continuem.

Para quando a reconstrução da sede do saudoso Águia, velho rival do

Ideal? Sem ele o futebol na Ribeira Grande fica mais pobre.

A equipa dirigente do Ideal, liderada pelo dinâmico Dr. Fernando Cordeiro, antigo atleta do clube, superiormente coadjuvada por velhos e dedicados Idealistas, entre os quais o Dr. Carlos Manuel, Manuel Barbeiro e José Gaipo, assim é que é!, está a desenvolver um trabalho deveras meritório. Pela primeira vez no septuagenário historial daquele clube, graças ao benemérito patrocínio de uma empresa local, todos os escalões etários, dos infantis aos séniores, tiveram direito a um 'fato de treino'. Deu gosto ver os miúdos dos Infantis e dos Iniciados, todos impantes de orgulho, pavonearem-se garbosos, quais 'smokings' ou 'fraques', nos seus fatos de treino. Continuem. Assim se lançam sementes de futuro.



Se o relógio da Praça do Município era outrora famoso por dar duas vezes a mesma hora, à hora certa e cinco minutos depois da hora, vai para um ano, junta-se a essa indisputada fama o facto de só estar certo duas vezes ao dia: às 10 para as cinco da madrugada e às 10 para as cinco da tarde. Consertem-no ou adquiram outro, tão simples quanto isso.

Um guia turístico concelhio, iniciativa mais que louvável, pago com o dinheiro dos nossos impostos, e a Lista 2000 do Código Postal, dos CTT, paga com o dinheiro dos assinantes, vinte anos após a elevação a Cidade, desconhecem de todo que a Ribeirinha mais a Ribeira Seca, juntamente com a Matriz e a Conceição formam as quatro freguesias da Cidade da Ribeira Grande. É fácil corrigir e nós agradecemos.

De acordo com a Dun & Bradstreet, empresa internacional que estuda o comportamento dos mercados, a firma Rui & Gastão Lda., de Rui Câmara, dinâmico e simpaticíssimo empresário nosso conterrâneo, ficou, num universo de 25 000 empresas, entre as 3 500 melhores. É obra. Parabéns.



Agora que a rua Direita está cada vez mais um primor, apesar de um ou outro 'mamarracho' dissonante, quem dá uma demão de cal na fachada da igreja dos Frades e acode à talha e aos santos no interior daquele vetusto templo? No Plano do Governo para 2001, graças a um deputado que, e louvavelmente, se assume como da Ribeira Grande, não sem remoques de colegas de bancada, a custo, o Governo, pouco habituado a tratar a Ribeira Grande como Cidade, abriu mãos à exorbitância de 10 mil contos, mais pataco menos pataco. Vá lá, para a casa dos jardineiros do Palácio de Santana,

sede do nosso Governo Regional foi, sem alaridos, o dobro. É uma questão de importância relativa.



A 'Variante Caracol', como há quem teime em designar a futura envolvente Sul da Cidade da Ribeira Grande, após conclusão satisfatória, a contento de todas as partes, dos trabalhos de expropriação dos terrenos por onde passará, irá finalmente avançar? Aleluia! Aleluia! Na cerimónia de lançamento da primeira pedra, ocorrida no tempo da outra Senhora, há mais de vinte anos, houve bandeiras e pendões, discursos e umas grosas de bom foguetório a condizer, há mesmo quem jure a pés juntos sobre os Santos Evangelhos e pela sua honra que, a estaca onde foi colocada a fita simbólica, pegou de galho e transformou-se numa frondosa criptoméria. Nesta Senhora, registe-se em abono da verdade, apesar dos avanços comparativos louváveis, já leva uns muito incómodos cinco anos. Para os moradores das ruas Direita e Pedras o desassossego é directamente proporcional à ânsia em verem a 'Variante' concluída. Quer experimentar Senhor Secretário Contente? Ou os membros da Comissão Concelhia de Trânsito? Venham residir por uns tempos nas ditas ruas, haverá certamente quem lhes alugue casa por uma módica quantia, após um sono reparador, aconchegado pela suave e 'celestial' música-ambiente produzida por camiões, tractores, trotinetas, bicicletas, furgonetas, lambretas e demais tretas mecânicas, desafiando as horas e os limites de velocidade legalmente estabelecidos, sete dias na semana, 24 horas por dia, dias santos, feriados e úteis, entra Inverno, sai Verão, chega Primavera, entra Outono, verão como, de manhã, chegarão frescos e viçosos que nem alfices da horta aos vossos gabinetes de trabalho, com uma tremenda e irreprimível vontade em melhorar as condições de vida na Região Autónoma dos Açores. Solução? Simples: concluem de imediato, pelo menos, a 2.ª fase da Variante Sul e, de seguida, enquanto o Diabo esfrega um olho, proibam a circulação de trânsito pesado pelas ditas ruas. Até lá, fiscalizem o limite de velocidade e o estrito cumprimento dos horários legais. A gente agradece penhoradamente.



O Complexo Desportivo da Ribeira Grande é gerido nas Laranjeiras, Cidade de Ponta Delgada, sensivelmente a 18 quilómetros de distância da Cidade da Ribeira Grande. Alega-se para tal, presuntivas e imperiosas razões de boa engenharia económico-financeira.

Pelo que nos informam, ao poupar o vencimento de um técnico, pretende-se contribuir para a contenção da hemorragia despesista no erário Público Regional. Valha-nos Deus e Santa Maria, gastam-se nas abóboras e poupam-se nas pevides! Vejamos: a Cidade da Ribeira Grande terá uma população calculada em cerca de 15000 almas e o concelho o dobro, com tendência para aumentar. Ou seja, exceptuando-se os concelhos de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo, mais nenhum outro nestas ilhas Milhafreiras excederá aquele número. Mais: tirando a ilha Terceira de Jesus, nenhuma outra terá mais população que o concelho da Ribeira Grande. Além do mais, perguntamos se a Ribeira Grande, pelo que contribui para o 'bolo' regional, em numerário e em compreensão e sacrifício, não terá crédito junto do Governo da Região? O custo da água que, em nome da solidariedade regional, nos obrigam a comprar engarrafada, não é sacrifício suficiente que justifique um ordenado de um técnico? É que este técnico 'residente' seria não só um mero administrador, distribuidor de horários, ou despachante de expediente, mas também um dinamizador desportivo. Competir-lhe-ia a tarefa inadiável de tentar reanimar o desporto no concelho. Cremos, e muito mais gente crê, que a falta de um Complexo Desportivo quando mais dele precisávamos, após promessas vãs e incumprimentos do tempo da outra Senhora, foi, que o diga o José Manuel Costa, que o digam os pais dos atletas e os atletas do saudoso Ginásio Clube da Ribeira Grande, em grande parte, o causador do marasmo desportivo em que a Ribeira Grande vive submergida. É de fácil resolução, copiem, no que há de positivo, o exemplo de sucesso do Teatro/Centro Cultural. E o resto da Região saldaria uma dívida para com esta parcela da Região.

Agora que temos um Parque Desportivo, são muitos os que pedem o regresso de José Manuel Costa, pois é preciso ressuscitar o 'seu' Ginásio Clube da Ribeira Grande.



Repare-se na nova e curiosa moda exibida nos passeios da Cidade da Ribeira Grande, como o que se vê, entre outros exemplos, no passeio de uma esquina da rua de São Francisco com a do Dr. Oliveira San-Bento, mesmo defronte da porta de entrada da Agência Abreu. É de simples execução: espalha-se cimento fresco e, sem deixá-lo secar, utilizando uma ponta da colher de aprendiz de pedreiro, traçam-se linhas, fingindo-se joga. Registe-se a patente, não vá alguém invejoso roubá-la.

Ainda bem que o Sub-Comissário Gil, tão-só o melhor comandante de que há memória na Cidade da Ribeira Grande, para ele a acção cívica vai à frente da força bruta, continua connosco. Gil, aceita um abraço muito amigo.

Crónica Mal-Humorada (Sem tema)



Quando o Mário Moura me pediu para participar na segunda ressurreição do 'Estrela Oriental', disse-me que queria a minha colaboração nem que fosse com um desenho. Ai pobre de mim coitado!... Um desenho feito por mim havia de ser coisa digna de se ver, não há dúvida... O único animal de que sou capaz de traçar um perfil identificável é o elefante, por causa da tromba. Além disso, um peixe percebe-se que é um peixe, mas sempre de uma qualquer espécie desconhecida; um barco desvenda-se, embora decerto incapaz de flutuar; e uma casa nunca deixa de ser portuguesa, com certeza, apesar de não ter rosas nem alecrim. Uma vez cometi a aventura de desenhar uma cena bucólica, com vaquinhas muito bem parecidas (julgava eu) que multipliquei pelo velho método artesanal da cópia a álcool. Distribuí-as pelos meus alunos, esperando inspirá-los para uma composição (já então não se chamava "redacção" à redacção) sobre a lavoura. E a primeira exclamação que ouvi foi esta: "Ah! Que lindas cabrinhas!" O meu caso, incurável, é de absoluta falta de jeito mas não de bons mestres. Depois da primária, de que a respeito de artes plásticas (para mim arreliaadoras "malas artes") nada recordo, tive como professor de desenho um artista a sério, o Senhor Menezes Faro. Falavamos, entusiasmado, das defesas espantosas do Azevedo (que parece ter sido o primeiro e único planador humano, pois, segundo ele voava de poste a poste) e das bombardas do Peyroteo que, para serem golo, só tinham de acertar dentro da esquadria, não importando que encontrassem pela frente a figura, nesse caso meramente simbólica, do guarda-redes. O primeiro desenho que fiz sob a sua jurisdição correu o risco de

ser um desastre. Desastre total a obra pictórica por si mesma e pelo modelo imaginado, um vulcão. Pinte um monte muito verdinho (pois claro, todos os meus montes eram ainda verde-alface e todos os vulcões rebentavam no cocuruto de um monte) e, sem deixar secar o guache, preguei-lhe o vermelho de um hipotético e aterrador fogo mesmo por cima. A tinta deu logo em correr por ali abaixo, como uns dedos de lava dispostos a queimar a minha patética ervinha. O Senhor Menezes Faro disse-me que eu tivera sorte: a lava de um vulcão até escorrega mais ou menos como escorregara a tinta, mas o que dera certo naquele caso não daria em nenhum mais. Aprendi a lição, o que não quer dizer que tenha aprendido a pintar, nem por metafórica invocação. Quase sete anos depois, foi o exame do Magistério Primário. O desafio da disciplina dos meus tormentos (que ainda por cima, para bem dos meus pecados, incluía trabalhos manuais) era o de fazer encadernar um livro, ilustrando a capa como se de um atlas de Geografia se tratasse. Dediquei-o à Itália, por razões óbvias. Não sei se aquilo pretendia ser o Etna ou o Vesúvio, mas era um vulcão irrepreensível, sem sombra de dúvidas. E assim me despedi dos desenhos com direito a nota tal como começara: a verde e vermelho, pintando o vermelho sem deixar secar o verde. Por isso, ou talvez porque fazia anos nesse dia, o Dr. Silveira deu-me um dezasseis. A classificação mais alta da minha carreira artística, que andou sempre a bater à porta do desastre. ...E, se esta crónica não se tornou ela mesma num desastre, isso ter-se-á devido a que as palavras deslizam pelo texto abaixo sem eu me dar conta de como, e os olhos que as leram são da mesma piedosa bondade que caracterizava aqueles meus professores. Quanto aos outros, os menos complacentes, já lhes perdoei: afinal, eles não tiveram culpa nenhuma de nunca lhes ter ocorrido mandarem-me pintar o único tema que eu era capaz.

Daniel de Sá

GRUPO VIEIRA

Vieira & Vieira, Lda. - (Fabrica) Tel. - 296 470 170/9
 Costa Empreiteiros, Lda. - (Constru) Fax - 296 470 172
 Pereira & Botelho, Lda. - (Transporta)
 Agro Vieira, Lda. - (Agro-pecuária)
 Cerâmica Micaelense, Lda. - (Pintura Manual Azulejos) Tel. - 296 472 600
 Capriaçores, Lda. - (Fábrica Lacticínios) Tel./Fax - 296 498 367

Postos de Venda: Capelas (296989258) - Feteiras (296914486)
 Lomba da Maia (296446178) Vila Franca (296583569)
 Sede: Rua do Rosário, 42 - Matriz - 9600-549 Ribeira Grande

Contrastes

Nesta rubrica, faço uma "exposição" fotográfica daquilo que vejo, do que acho bem e do que acho mal no meu concelho. É uma forma de colaborar com este jornal, dando a minha opinião com um simples olhar. Um instante pode valer mil palavras...

O fotógrafo



A recuperação do Teatro Ribeiragrãndense só pecou por tardia. Os serões já não são os mesmos no nosso concelho. Do teatro aos espetáculos, das conferências ao cinema, a Ribeira Grande passou a ter um ambiente relevante nos Açores.



A nossa orla marítima é uma vergonha. A cidade está de costas voltadas para o lindíssimo mar do norte. Não seria agradável desfrutar a sua beleza?

Destques

PÁG.5

- Páginas da América, Cristóvão de Aguiar

- De algumas tardes por aí, Maria de Fátima Borges

PÁG.8

Um Jornal da Ribeira Grande, depoimentos de Padre Edmundo Pacheco, Dr. Hermano Melo, Dr. Ricardo Silva, Dr. José de Sousa Rego e Dr. António Pedro Costa

PÁG.9

O "Senhor Prior" da Ribeira, Doutor Fernando Silva

PÁG.11

Nortadas



Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória